



Espiritismo: Temas Diversos

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL

ESPIRITISMO: TEMAS DIVERSOS

(SÉRGIO BIAGI GREGÓRIO)

I – ADMINISTRANDO O CENTRO ESPÍRITA

Informática e Centro Espírita
Diretoria Executiva e Bem Comum

II – BIOGRAFIAS

Chico Xavier
João Huss
Léon Denis e o Espiritismo

III — CODIFICAÇÃO

Allan Kardec e o Livro dos Espíritos
Importância dos Livros da Codificação, A
Obras Básicas e Complementares

IV — DOCTRINA

Céu, Inferno e Purgatório
Conhecimento do Futuro
Direitos e Deveres
Espírito
Idéias Inatas
Influência dos Espíritos em Nossa Vida
Inteligência e Instinto
Justiça, Amor e Caridade
Justiça Humana e Justiça Divina
Lei e Consciência
Morte
Morte, Reflexões sobre...

Morte, Depois de
Perturbação Espiritual
Reencarnação
Reencarnação: Outros Detalhes

V — ESPIRITISMO

Espiritismo: uma Revolução Cultural
Espiritismo no Brasil – suas Origens
Futuro do Espiritismo
Fundamentos do Espiritismo
Influência do Espiritismo no Mundo

VI — FILOSOFIA

Alma e a Imortalidade, A
Amor
Animal e a Emoção, O
Filosofia Espírita
Reflexões sobre a Paz

VII — MEDIUNIDADE

Atenção e Êxtase
Cérebro e Mediunidade
Corpo Humano
Fenômeno Mediúnicos, Mediunidade e Espiritismo
Fixação Mental
Meditação
Mediunidade
Universo e Comunicação com os Extraterrestres

VIII — PENA DE MORTE

Genealogia da Pena de Morte
Pena de Morte e Bem Comum
Pena de Morte e Homicídio
Pena de Morte e Espiritismo

IX — SOBRE OS REFLEXOS

Conceito de Reflexo
Genealogia do Reflexo Condicionado
Pavlov e os Reflexos Condicionados
Reflexos Condicionados e Mudança Comportamental
Reflexos Condicionados e Espiritismo

Des-Condicionamento

X — RELIGIÃO

Papel da Religião, O

Dez Mandamentos, Os

Genealogia do Inferno

Intimidade com Deus, A

Islamismo

Messianismo

Mito e a Desmitologização, O

Panteísmo: Pequeno Escorço Histórico

Proibição, Confissão E Purificação

Revelação

Revelação na Bíblia

Salvação e Religião

Vida Monástica

Vivência Religiosa

Vocação e Vocação Religiosa

Administrando o Centro Espírita

INFORMÁTICA E CENTRO ESPÍRITA

A informatização no mundo é um fato concreto. Hoje, quem não souber operar um computador é como a secretária que desconhecesse datilografia há alguns anos. Além do mais, a velocidade com que se apresentam novos recursos é significativa. Revistas, programas, jogos, multiplicam-se no mercado. Para

muitas pessoas, ficar à frente da tela do seu micro tornou-se um vício como beber, fumar e outros.

Atualmente, a administração das empresas está centrada no uso do computador. O sistema bancário é um exemplo vivo. Em qualquer lugar que estivermos poderemos ter acesso à nossa conta. Basta, apenas, colocar um cartão magnético, digitar a senha e realizar a operação desejada. Porém, esse manuseio só foi possível graças aos avanços da tecnologia da informática. Não é à toa que a maioria das empresas fazem a sua contabilidade, a declaração do imposto de renda, a planilha de custos etc. através do computador.

Como estão se organizando os Centros Espíritas diante dessa nova realidade? Estão se modernizando ou sendo refratários às novas injunções do meio? De qualquer forma, a Casa Espírita que se informatizar terá um rendimento maior. Observe, por exemplo, o simples cadastramento de todas as pessoas mais estreitamente ligadas ao Centro Espírita: sócios, alunos e trabalhadores. Todas que entram no sistema recebem um número. Depois, com este único número, pode-se relacioná-la com todas as atividades do Centro.

Assim, depois que as pessoas tiverem sido cadastradas, podemos emitir diversos tipos de relatórios: dos sócios, dos trabalhadores, dos alunos etc. Basta, apenas, apertar um botão e a relação começa a ser impressa. Neste momento, vemos claramente todo o trabalho de discussão, de programação e de digitação ter a sua recompensa. É a coroação da perseverança, quando ainda as idéias estavam obscuras, ou seja, a confiança de que o tempo é um grande mestre e materializará a idéia em gestação.

O suco extraído desse trabalho não fica restrito a um simples relatório. Pode-se pensar, também, em incluir dados sobre os tipos de mediunidade manifestada durante os treinamentos mediúnicos, a emissão de carnês para pagamento das mensalidades, crachás etc. isto sem contar o tempo e o papel que se economizam para arquivar todos esses dados. Além disso, deve-se enfatizar, também, a facilidade de busca de uma determinada pessoa. Digitando o seu número ou seu primeiro nome já surge toda a sua ficha pessoal.

Ocupemo-nos dos avanços da tecnologia , mas não nos descuidemos do relacionamento humano fraterno, objetivo central da existência de um Centro Espírita.

Maio/1997

DIRETORIA EXECUTIVA E BEM COMUM

Platão descreve no livro *República* o estado ideal e indica as causas da decadência que fazem com que da cidade ideal possa-se gradualmente chegar à tirania, isto é, à pior das formas de governo. Aristóteles começa por afirmar

que o homem é um animal naturalmente social. Segundo ele, os dons que a natureza deu aos indivíduos só podem desabrochar através do contato social.

A palavra *República* vem do latim *res* (coisa) *publica* (pública). Quando nos referimos à república queremos dizer "tomar conta da coisa pública". Tomar conta da coisa pública é o objetivo central da política com *P* maiúsculo, pois seu fim último é atingir o bem comum. Santo Tomás de Aquino, na sua *Suma Teológica*, escreve: "*Finis politica est urbanum bonum*" (o fim da política é o bem comum). Mas o que se entende por bem comum? Quem melhor o definiu foi o Papa João XXIII, nos seguintes dizeres: "O Bem comum consiste no conjunto de todas as condições da vida social que consintam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana".

Qual é o objetivo central da composição de uma Diretoria Executiva? Qual é a função de cada um de seus membros? Presidente? Vice-presidente? Secretário? Tesoureiro? Conselheiro fiscal? E os demais colaboradores? Não é a obtenção do bem comum?

A obtenção do bem comum, através da Diretoria Executiva, depende da *responsabilidade* de cada um de seus membros. Há um ditado que diz: "Ninguém tem o monopólio da verdade, nem a exclusividade do erro". Na formação de uma Diretoria Executiva, cada um de seus membros tem uma cota de responsabilidade. Acontece que não se delega responsabilidade; a pessoa é que deve se sentir responsável pelas suas tarefas. Tenhamos em mente o *encargo* e não simplesmente o *cargo*.

De acordo com o seu Estatuto, o Centro Espírita Ismael é uma sociedade civil, religiosa, filantrópica e cultural. Cabe-lhe a tarefa de estudar, praticar e difundir os princípios doutrinários, codificados por Allan Kardec. Para tanto, deve criar cursos especializados, congregar jovens, promover sessões de intercâmbio com o mundo espiritual, organizar e manter biblioteca e livraria de obras espíritas e espiritualistas etc.

Martha Mendonça, em recente artigo na revista *Época* (n.º 424 – 01/07/2006), cujo título de capa é *O Novo Espiritismo*, relata que, segundo dados oficiais, há aproximadamente 20 milhões de espíritas no Brasil. Diz, ainda, que o Brasil é um exportador de conhecimentos espíritas, principalmente através de Divaldo Pereira Franco e Raul Teixeira, por suas palestras no exterior, particularmente nos Estados Unidos. Esta cifra mostra que a freqüência de novos adeptos, nos Centros Espíritas, deverá necessariamente aumentar.

À Diretoria Executiva cabe prever e procurar atender a esse aumento de demanda. Por isso, há uma responsabilidade conjunta entre freqüentadores, colaboradores e membros da Diretoria Executiva. É esse conjunto que forma a *imagem* não só do Centro Espírita como também do Movimento Espírita.

Essa imagem não é tangível, contudo permanece no subconsciente de cada freqüentador e é transmitida de pessoa para pessoa. Suponha que alguém vá a um Centro Espírita e seja mal atendido. Ele guardará na memória, mesmo que de forma inconsciente, essa má impressão e, poderá, ao se encontrar com

outra pessoa, expressá-la publicamente. Diz-se que má notícia é contada para 20 pessoas; a boa, somente para 5. É conveniente, para o bom êxito da organização, que o freqüentador saia sempre com uma boa impressão.

Quer sejamos membros da Diretoria Executiva ou simples colaboradores, esforcemo-nos em prover o melhor atendimento ao público. Somente assim seremos capazes de projetar, no espaço e no tempo, a melhor imagem do Centro e do Espiritismo.

Julho/2006)

Biografias

CHICO XAVIER

Francisco Cândido Xavier nasceu no dia 2 de abril de 1910, na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, começando o seu longo sofrimento desde os primeiros anos de sua existência. Quando tinha 5 anos de idade sua mãe veio a falecer. De família numerosa e poucas posses, seu pai achou por bem distribuir os filhos entre os parentes. Na diáspora da família, Chico vai para a casa da madrinha, dona Maria Rita de Cássia, uma mulher extremamente maldosa que, entre outras, dava-lhe uma surra todo o dia, enfiava o garfo em sua barriga e, certa vez, obrigou-o a lamber a ferida de um outro menino adotivo.

O **fenômeno mediúnico** é o marco fundamental de sua existência. Hoje, tem mais de 400 obras psicografadas, que transformadas em tempo, perfazem aproximadamente 11 anos de transe mediúnico. Sua atividade mediúnica começou desde garoto, isto é, desde os 5 anos de idade, quando já conversava com sua mãe desencarnada. Dela recebia uma série de conselhos que o ajudaram a suportar todos os revezes e dissabores de sua infância sofrida junto à sua madrinha. Educado no catolicismo, não foi muito fácil a aceitação dos parentes e amigos sobre o desenvolvimento de sua mediunidade.

O Espírito Emmanuel é o seu guia protetor. Esse espírito, como a maioria dos Espíritos sabe, foi Públio Léntulus, senador romano da Antigüidade. Diz-se também que ele teve uma reencarnação no Brasil como Padre Manoel da Nóbrega. É por intermédio de Emmanuel que o Chico Xavier escreveu a maioria de seus livros. Além disso, guia-o, inclusive, no aprimoramento do

idioma português, para melhor expressar a Doutrina dos Espíritos. Confessa isso no programa Pinga Fogo, levado ao ar pela antiga TV Tupi, em 1971.

A vida de Chico Xavier é entremeada de muitos fatos, entre os quais, relatamos: 1º) para auxiliar um cego que tinha sofrido uma queda, precisou da colaboração de 2 prostitutas, que depois mudaram de vida em virtude de suas preces; 2º) relata o episódio do avião, que em pleno vôo começou a fazer peripécias no espaço e, ele como os demais tripulantes, começaram a gritar no que Emmanuel retruca: "Se tiver de morrer, morra com educação"; 3º) sua vizinha roubava-lhe as verduras. Pede auxílio à sua mãe, já desencarnada. Esta aconselha-o, quando todos saírem, a entregar a chave da casa para a vizinha tomar conta. Conseqüência: acabou o furto.

Emmanuel, o grande protetor do Brasil, cujas obras evangélicas constituem o 5º Evangelho, dá sempre orientações ao médium Chico Xavier. Fala-lhe sobre a disciplina, a porta estreita e o caminho reto. Diz que as limitações físicas não devem ser consideradas como obstáculos, mas um grande incentivo à prática da mediunidade, pois quem poderia afirmar que a riqueza, a saúde, a comodidade e outras facilidades não lhe tirariam a devida concentração e meditação para o trabalho mediúnico?

Todo o espírita deveria conhecer a biografia de Chico Xavier, pois, quer queiramos ou não, a sua mediunidade é responsável pela maioria de nossas idéias acerca do Espiritismo.

Fonte de Consulta

IBSEN, S. R. (Organizador). *Chico Xavier por ele mesmo*. São Paulo, Martin Claret, 1994.

Julho/1998.

JOÃO HUSS

João Huss, encarnação anterior de Allan Kardec, viveu num século de contradições religiosas. Pregador da Universidade de Praga, nasceu em Hussinet, perto de Fichtelgebirge, na Boêmia, cerca da fronteira bávara e do limite lingüístico entre o alemão e o checo, em 1373, e morreu queimado na fogueira em 1415.

Huss foi influenciado pelas idéias de Wiclef (1333-1384), teólogo e reformador inglês. Wiclef desenvolveu alguns tratados sobre o *dominium*, ou seja, a idéia de que o poder vem de Deus e apenas é legítimo naqueles que se encontram em estado de graça. As suas teses contrariavam os interesses da Igreja católica: expressava-se contra o poderio papal, os votos religiosos, os benefícios e riquezas do clero, as indulgências e a concepção tradicional

acerca do sacerdócio. Com isso sofreu inúmeras admoestações por parte do clero.

Huss, como professor da Universidade de Praga, distinguiu-se nas discussões mais abstratas e no conhecimento de Aristóteles, da Bíblia e dos Santos Padres. Buscou no escritos de Matias Janov e Chtitny a solução para as suas inquietudes religiosas. Matias Janov e Chtitny propagavam a consideração da Bíblia como única fonte de verdade e de fé. Essa influência afastou Huss da doutrina católica e sua heterodoxia se reforçou na leitura das obras de Wiclef, particularmente do *Dialogus* e *Trialogus*, trazidas de Oxford por Jerônimo de Praga.

A Igreja, naquela época, estava em crise: dividida pelo Cisma do Ocidente, ameaçada pela ressurreição das antigas heresias e a formulação de novos postulados antidogmáticos. Eis que surge na Boêmia um outro foco, muito mais perigoso que o de Wiclef. É que Huss apresenta-se como reformador religioso e como caudilho nacional, papel muito semelhante, desempenhado um século mais tarde, por Lutero na Alemanha.

Huss, tradutor das obras de Wiclef, propagou várias teses antidogmáticas. Baseando-se nos escritos de Wiclef, negou a necessidade de confissão auricular, atacou como idolátrico o culto de imagens, da Virgem Maria e dos Santos e a infalibilidade papal. Com isso, teve a ira do clero contra a sua pessoa, que após várias admoestações acabou sendo queimado no dia 06/07/1415. Ao seu lado morreu Jerônimo de Praga.

A sua luta não foi em vão. Depois disso, houve mais tolerância entre os credos religiosos.

Fonte de Consulta

CANTU, C. , SEIFERT, J. L. *Os Titãs da Religião*.

VERBO ENCICLOPEDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa, Editorial Verbo, 1976.

Setembro/1998.

LÉON DENIS E O ESPIRITISMO

Léon Denis (1846-1927), um dos baluartes do Espiritismo em França e no mundo escreveu, entre outras, as seguintes obras: *Porquê da Vida*, 1885; *Depois da Morte*, 1890; *Cristianismo e Espiritismo*, 1898; *Joana D'Arc Médium*, 1910; *O Grande Enigma*, 1911; *O Mundo Invisível e a Guerra*, 1919; *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, 1927.

Instruído na Maçonaria. Sua vivência no Espiritismo foi acompanhada pelos ensinamentos fornecidos pelos seus guias espirituais: Sorella, Durand e

Jerônimo de Praga. Inicialmente, solicitaram-lhe a devida preparação para se tornar um orador e escritor; depois, fortaleceram-lhe o ânimo, dizendo-lhe para não se preocupar, pois estariam ao seu lado em todos os momentos da vida.

Léon Denis e Allan Kardec têm, entre si, íntima relação. Ambos são druidas reencarnados, pois viveram nas Gálias, no século V a. C.. O nome Léon Denis está escrito no de Kardec, ou seja, Hippolyte **LEON DENI**Zard Rivail. São Jerônimo de Praga, seu guia espiritual, fora discípulo de João Huss (encarnação anterior de Kardec), os dois queimados vivos, no Século XV, por ordem do Concílio de Constança.

A propagação do Espiritismo não foi tarefa fácil. Como acontece com toda a idéia nova, sofreu, também, os ataques de seus opositores. Léon Denis teve de lutar contra o materialismo, a falta de idealismo, o cientificismo e o positivismo de Augusto Comte, que grassavam nas universidades. As conferências, os congressos e os livros publicados foram suas armas para a divulgação e a consolidação do edifício doutrinário, alicerçado pelas pesquisas e análises de Allan Kardec.

A integridade de seu caráter criava-lhe condições necessárias para o cumprimento do seu dever. Ao **cogito ergo sum** de Descartes, acrescenta: "Eu sou e quero ser sempre mais do que sou". Vegetariano, dizia que não havia bebida melhor do que a água. De moral elevada, procurava cumprir tudo o que prometia. Tornou-se, com o tempo, um autodidata, o que lhe conferia pensar com a própria cabeça.

Léon Denis, cognominado o apóstolo do Espiritismo, teve uma vida repleta de obediência e resignação às instruções do mundo invisível. Deixou-nos o exemplo de um homem viril, obcecado, apenas, pelo perseverante esforço e longa paciência.

Fonte de Consulta

LUCE, G. *Vida e Obra de Léon Denis*. São Paulo, Edicel, 1968.

Outubro/1998

ALLAN KARDEC E O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, nascido em 3 de outubro de 1804 e desencarnado em 31 de março de 1869, foi a pessoa escolhida para codificar a Doutrina dos Espíritos, um novo marco na história da Humanidade. *O Livro dos Espíritos* contém os fundamentos básicos para a compreensão de todo o arcabouço filosófico do Espiritismo e suas conseqüências para a mudança comportamental dos indivíduos. Elaboremos algumas idéias.

Allan Kardec, além de professor, era também estudioso do magnetismo. Em 1854, o seu amigo Fortier, magnetizador, dissera-lhe que se podia magnetizar uma mesa; tempos depois, acrescentara que a mesa, além de ser magnetizada, podia também falar. É desse diálogo que brota o seguinte pensamento de Kardec: "Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé".

Em 1855, Allan Kardec começou a freqüentar as reuniões mediúnicas na casa do Sr. Baudin, em que a médium Caroline intermediava o Espírito Zéfiro, o qual respondia às perguntas das pessoas presentes. Ele levava um caderno e anotava tudo o que lhe chamava a atenção. Certo dia, quebrando o hábito, indagou se lhe era possível evocar o Espírito Sócrates. Zéfiro responde que Sócrates tem assistido àqueles colóquios, pois você o consulta amiúde mentalmente. Kardec confessa que realmente tinha pensado no filósofo grego na expectativa de obter dele a verdadeira "filosofia dos Espíritos". Posteriormente, levava as suas próprias perguntas, o que lhe deu o ensejo de editar *O Livro dos Espíritos*.

A primeira edição de *O Livro dos Espíritos* era em formato grande, in-8.º, com 176 páginas de texto, e apresentava o assunto distribuído em duas colunas. 501 perguntas e respectivas respostas estavam contidas nas três partes em que então se dividia a obra: "Doutrina Espírita", "Leis Morais" e "Esperanças e Consolações". Sobre a publicação do livro, G. Du Challard diz: "*O Livro dos Espíritos*, do Sr. Allan Kardec, é uma página nova do próprio grande livro do infinito e, estamos persuadidos, uma marca será posta nesta página". Atualmente, *O Livro dos Espíritos* contém 1019 questões.

O conteúdo filosófico, exposto em *O Livro dos Espíritos*, tem aproximadamente 150 anos de existência. E o que são 150 anos para a mudança de mentalidade? Muito pouco. Na prática, verificamos que o pensamento coletivo ainda está fortemente alicerçado nos preconceitos e superstições das religiões oficiais. Contudo, para que haja um verdadeiro progresso espiritual da Humanidade, urge sairmos para semear a boa semente, no sentido de tornarmos público os conhecimentos espíritas mesmo, que para isso, soframos o desprezo e o ódio daqueles que não estão capacitados a perceber essa nova verdade.

Estudemos criteriosamente *O Livro dos Espíritos*. Somente assim poderemos ser a verdadeira luz para aqueles que ainda não tiveram oportunidade de entrar em contato com este libertador de consciências.

27/02/2004

A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS DA CODIFICAÇÃO

A Doutrina dos Espíritos foi codificada por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, a partir de 18 de abril de 1857, quando do lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Os seus princípios fundamentais estão expostos nos livros básicos. Para apreendê-la, devemos nos debruçar sobre esses livros.

Os livros da codificação ou o Pentateuco Espírita são: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868). Além desses livros, denominados de obras básicas, há também os que compõem as obras complementares, mediúnicas e não-mediúnicas. José Herculano Pires, Deolindo Amorim, Camille Flammarion e Léon Denis são alguns dos autores não-mediúnicos; Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e outros são classificados como autores de livros mediúnicos.

Tomando consciência da existência dos livros da codificação, pergunta-se: por qual deles começar? Resposta: *O Livro dos Espíritos*. Qual a razão? É que *O Livro dos Espíritos* contém, na sua generalidade, o resumo da Doutrina dos Espíritos. Nele encontraremos perguntas e respostas a respeito da origem do Universo, de Deus, dos Espíritos etc. Há também comentários e explicações sobre os problemas fundamentais de nossa existência: de onde viemos? Para aonde vamos? O que estamos fazendo aqui? O que podemos esperar depois da morte?

Há, para se começar por este livro – *O Livro dos Espíritos* –, uma razão mais técnica, ou seja, a de que todo o aprendizado deve ser iniciado pela sua generalidade. Ao estudá-lo, entramos em contato com os problemas mais gerais do Espiritismo. É a aplicação prática da regra da leitura de um livro qualquer: primeiro o folheamos por inteiro, analisando o seu conteúdo; depois, vamos nos aprofundando nos tópicos ou capítulos que aguçaram o nosso interesse ou a nossa necessidade.

Debruçarmo-nos sobre as obras básicas da Doutrina Espírita têm as suas recompensas. Em 1.º lugar, aproveitamos o tempo, que poderia estar sendo desperdiçado em outras leituras superficiais. Em 2.º lugar, evitamos o erro da absolutização do relativo, que é tomar a parte pelo todo. Em 3.º lugar, temos a melhor das recompensas, que é a compreensão da dor e do sofrimento. O espírita sincero acaba passando por um paradoxo: muitas vezes está com mil problemas e parece que não tem nenhum.

A Doutrina Espírita existe e está nos livros. Podemos ouvir palestras e comentários dos diversos divulgadores espíritas. Contudo, o Espiritismo só será aprendido eficazmente se cada um de nós se predispor a estar constantemente estudando as obras da codificação.

Setembro/2005

OBRAS BÁSICAS E COMPLEMENTARES

A Doutrina Espírita deve ser conhecida através do estudo das Obras Básicas e das Complementares. Nosso propósito é apresentá-las de forma sucinta e objetiva.

As **Obras Básicas**, também, cognominadas de Pentauteco Espírita, compõem-se dos seguintes livros: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns - ou Guia dos Médiuns e dos Doutrinadores* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno - ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865) e *A Gênese - os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (1868).

As **Obras Complementares**, que dão extensão às Obras Básicas, são de cunho mediúnico e não mediúnico. Entre as **não mediúnicas**, citam-se os escritos de Gabriel Delanne, Leon Denis, Camile Flammarion, J. Herculano Pires, Edgar Armond e outros. Entre as obras **mediúnicas**, estão os livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e outros.

A literatura espírita, sendo vasta e diversificada, acarreta dificuldade na escolha de bons livros para pesquisa. Do ponto de vista **doutrinário**, as Obras Básicas e as dos autores encarnados têm preferência. Os romances mediúnicos são classificados num segundo plano de importância. As mensagens estariam em terceiro lugar. Essa escala de valores não deve ser rígida, visto cada Espírito estar num nível de evolução espiritual distinto, requerendo, portanto, alimentos espirituais diferenciados.

O contato inicial com a Doutrina dos Espíritos pode ser feito aleatoriamente, ou seja, via dor, via leitura de um romance, ou mesmo por intermédio de uma mensagem que nos caia nas mãos. O despertar para a realidade espiritual pode vir de mil formas. Importa, uma vez inteirado de que o Espiritismo é uma vivência válida para nossa vida, estudá-lo de forma racional.

Os livros espíritas podem ser encontrados nas livrarias e nas bibliotecas. Se nossas escolhas se prenderem somente aos romances mediúnicos, ou às mensagens espirituais, não estaremos absorvendo os fundamentos básicos da Doutrina, portanto criando um viés em nosso modo de pensar. Urge reconhecer que o Espiritismo é uma filosofia científica de conseqüências morais. Atendamos, pois, aos três aspectos de nossa doutrina.

Doutrina

CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO

Céu – do lat. *Caelu* – significa espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros; região para onde, segundo as crenças religiosas, vão as almas dos justos. **Inferno** - do lat. *infernu* -, lugar ou situação pessoal em que se encontram os que morreram em estado de pecado. **Purgatório** - do lat. *purgatoriu* -, lugar de purificação das almas dos justos, antes de admitidas na bem-aventurança.

A idéia que fazemos do Céu é fruto da concepção grega e babilônica (calmo, imutável, vida eterna). Nicolau Copérnico (1473-1543) quebra a tradição milenar e coloca o Sol no centro do Universo. Com isso, a Terra entrou no Céu. Galileu Galilei (1564-1642), com o auxílio do telescópio, dá prosseguimento às teses defendidas por Copérnico. O "em cima" e o "em baixo" deixam de existir. A Ciência parecia ir contra a Bíblia; mas a Bíblia ensina como ir ao Céu, não como ele foi feito.

A religião cristã dogmática, baseando-se nas concepções tradicionais, estabeleceu os **lugares circunscritos** no espaço, onde estariam localizados o Céu, o Inferno e o Purgatório. O Céu, em cima, é a região para onde vão as almas dos justos gozar da felicidade eterna; o Inferno, em baixo, zona de suplício, onde são enviadas as almas dos que morreram em pecado; o Purgatório, lugar intermediário, em que a alma é detenta a par da condenação perpétua.

Para o Espiritismo, Céu, Inferno e Purgatório são figuras de linguagem e não lugares circunscritos. O Céu indica o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores em que os Espíritos gozam de todas as suas faculdades, sem as tribulações da matéria. O Inferno não é um lugar materializado, com caldeiras ferventes e rochedos em brasa, mas uma vida de provas extremamente penosas, com a incerteza de melhoria. O Purgatório é uma figura pela qual se deve entender o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até a purificação completa que deve elevá-los ao plano dos Espíritos felizes.

As expectativas com relação à vida futura dependem da concepção de mundo de cada um. Se materialistas, o nada nos aguarda; se panteístas, retornaremos ao todo universal; se religiosos dogmáticos, iremos para o Céu ou para o Inferno. Apesar de essas imagens estarem automatizadas em nosso subconsciente, não significa dizer que a alma, após o desencarne, encontrar-se-á nessas condições.

De acordo com o Espiritismo, a alma é imortal e, mesmo depois da morte física, continua individualizada e sujeita ao progresso.

Agosto/1996

CONHECIMENTO DO FUTURO

A lucubração acerca do desconhecido é sem limite. Estamos sempre procurando algo além do dia que passa. E o futuro, não são poucos os que dele falam. Profetas, videntes, futurólogos, sensitivos etc.

O futuro relaciona-se com o tempo. Mas que é o tempo? Há muita dificuldade em defini-lo. Santo Agostinho, por exemplo, dizia-nos que se não lhe perguntassem sabia o que era, mas quando lhe perguntavam já não sabia mais. Por que? Observe o ano que corre. Ele é presente. Porém, estamos num determinado mês. Ora, todos os meses para frente são futuro, e todos os meses para trás, passado. O mesmo raciocínio pode ser feito com relação aos dias do mês. Do mesmo modo são as horas do dia. Quer dizer, no infinitamente pequeno, presente, passado e futuro se confundem.

Há possibilidade de conhecer o futuro? Como? Allan Kardec, no capítulo XVI do livro *A Gênese*, vale-se de uma comparação para se fazer entender. Diz ele: suponha um homem no pé da montanha e outro no topo. O do topo vê todo o caminho futuro, enquanto o debaixo não. O homem situado no alto pode descer da montanha e dizer para o que ficou em baixo: olha, mais à frente você será assaltado, alguém irá te ajudar, outro dar-te-á alimento etc. Quer dizer, o futuro para o homem debaixo é presente para o homem situado no topo.

Saindo do âmbito das coisas puramente materiais e entrando, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos que a capacidade de conhecer o futuro depende do grau de evolução alcançado pelo Espírito. Assim, quanto mais desmaterializado for, maior será a visão do futuro, porque nada lhe impede os vôos do Espírito. Àquele agarrado à matéria, a dificuldade é maior, porque esta obnubila a transcendência para o além.

O futuro pode ser conhecido. Mas deve ser revelado? Os Espíritos advertem-nos que o futuro não deveria ser revelado para atender à vã curiosidade, mas para atender a um fim útil e sério. Profetas, videntes, médiuns e sensitivos podem, à sua revelia e através dos sonhos, da êxtase e dupla vista, receber prenúncios de um acontecimento futuro. Se tudo for revelado, como fica o exercício do livre arbítrio daquele que recebeu o aviso? Esta é a grande questão que deve ser levada em conta.

Os tempos mudam. Hoje, com o desenvolvimento da ciência, já não se comporta mais uma linguagem chula e cheia de mistérios. Os videntes devem falar mais como uma advertência do que como uma fatalidade.

Fonte de Consulta

KARDEC, A. *A Gênese*. 17 ed., (popular), Rio de Janeiro, FEB, 1975.

Maio/1998

DIREITOS E DEVERES

Entende-se por *direito* a faculdade legal de praticar ou deixar de praticar um ato. De acordo com as Leis Naturais, temos o direito de ser livre. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, datada de 10 de dezembro de 1948, sintetiza, nos seus trinta artigos, a posição assumida pela Organização das Nações Unidas, o que se entende por direitos fundamentais da pessoa humana. Deduz-se que todos têm direito à vida, todos têm direito ao trabalho, todos têm direito ao respeito como seres humanos...

Ao lado dos direitos, cada um de nós tem também deveres: para consigo mesmo (sua consciência); para com o próximo; para com o mundo em que habita. Acontece que visamos muito mais aos direitos do que aos deveres. Exemplo: exigimos o direito de liberdade, mas negligenciamos o dever de ser livre. Como explicar? Observe que todo o ato livre, para que realmente seja livre, deve ter como conseqüência uma ampliação da liberdade. O vício, que é um ato livre, não amplia a nossa liberdade, porque a necessidade gerada cria uma dependência, impedindo a continuidade dos atos livres.

A vida é composta de direitos e deveres. Importa saber qual é a nossa parcela dos direitos e dos deveres para que assim, cumprindo com os deveres que a nossa consciência nos indicar, adquiramos o direito em relação ao próximo e à sociedade. Ninguém é herói por acaso. Faltava-lhe as circunstâncias para por em prática tudo o que arquitetara, silenciosamente, no seu subconsciente. Há muita sabedoria na frase: "A vida de deveres fáceis e enfadonhos não é tão fácil quanto parece". O óbvio não é tão óbvio quanto o senso comum o apregoa.

Entre a projeção de um ideal e sua realização há geralmente muita dor. Essa dor precisa ser melhor avaliada. Diz-se, muitas vezes, que o homem sofre porque ignora. Será isso verdade? Há várias espécies de dor: dor-auxílio, dor-provação e dor-evolução. Observe que a dor é o agulhão que nos faz voltar para dentro de nós mesmos, no sentido de perscrutarmos o nosso íntimo, para criarmos condições de encetar a verdadeira transcendência do espírito imortal. É nesse momento que, impulsionados pela nossa fraqueza, nossa pequenez, pedimos perdão àqueles que ofendemos, que injuriamos. Será que de outra forma o faríamos?

E como não estamos encarnados para borboletear, temos de fazer esforços para construir uma consciência tranqüila, livre dos preconceitos e das opiniões

do senso comum. Não adianta simplesmente agirmos de acordo com a consciência; temos de agir de acordo com a consciência bem formada. Se, os nossos esforços diários forem suficientes, iremos paulatinamente substituindo as sensações dos sentidos físicos pelas sensações dos sentidos espirituais, os quais nos dão fortaleza, bom ânimo e forças para o cumprimento de todos os nossos deveres.

Estejamos despertos mais para o cumprimento dos deveres do que para o atendimento aos prazeres materiais. Somente assim construiremos uma personalidade e um caráter que sirvam para todas as situações.

Julho/1993

ESPÍRITO

Espírito – do lat. *spiritus* – significa "sopro", "respiro". Há muitos sentidos relacionados a esse termo: **figurado**, em que o espírito opõe-se à letra; **impessoal**, em que o espírito é a realidade pensante; **particular**, em que o espírito torna-se sinônimo de inteligência. De acordo com o **Espiritismo**, o Espírito

é a substância subtilíssima por essência e que constitui no homem uma das substâncias do seu composto ternário: Corpo, Perispírito e Espírito.

A origem dos Espíritos ainda é-nos desconhecida. Sabemos que de Deus, que é a causa primária de todas as coisas, vertem-se dois princípios: o princípio inteligente e o princípio material. Individualizados, denominam-se respectivamente **Espírito** e **Matéria**. O Espírito, criado simples e ignorante, utiliza-se da matéria para sua evolução. A cada nova encarnação, novas experiências e novas oportunidades de aprendizado.

A alma é o Espírito encarnado. Embora muitas pessoas usem esses dois termos como sinônimos, há substancial diferença de concepção. O **Espírito** é o ser inteligente da criação que povoa o universo e engloba todas as encarnações. A **alma** é o ser parcial, limitado e circunscrito a uma encarnação específica. No primeiro, a amplitude; no segundo, a redutibilidade. É, pois, nesse processo dialético que o Espírito evolui até atingir a perfeição.

A evolução é do Espírito. Quando encarnado, esquece temporariamente o passado. Contudo, fica-lhe uma vaga intuição do que fez em outras vidas e daquilo que poderia ser feito nesta e nas próximas existências. Se pudéssemos aquilatar o trabalho dos benfeitores espirituais, no sentido de estarmos na situação que estamos, certamente daríamos maior valor ao nosso corpo físico e

a tudo o mais que nos cerca.

O Espírito age através do Perispírito. Ao contato perispiritual entre o Espírito e a alma denominamos mediunidade. Assim, é pelo intercâmbio mediúnico que os Espíritos vêm alertar-nos sobre a imortalidade da alma e da sobrevivência do ser. Mostra-nos, também, que a morte é apenas uma mudança de dimensão: de encarnados passamos a desencarnados.

O Espírito é o princípio da vida. Cuidemos dele como se fosse um diamante bruto à espera de ser lapidado.

Setembro/1997

IDÉIAS INATAS

Idéias Inatas – Segundo a filosofia, são as idéias com as quais a gente nasce, que não se aprende. Para o Espiritismo, são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores; são idéias que se conservam no estado de intuição para servirem de base à apreciação de outras novas. As idéias inatas não são mais do que a herança intelectual e moral que vêm das nossas vidas passadas.

Para os idealistas, o Espírito, o pensamento, a idéia é o fenômeno principal; a matéria, um epifenômeno. Para os empiristas, matéria é o fenômeno principal; o espírito, um epifenômeno. Esta divergência entre idealistas e materialistas ainda não chegou a um acordo satisfatório. Falta-lhes um elemento conciliador – o PERISPÍRITO –, que é o elo de ligação entre o Espírito e o corpo físico. Se dedicassem mais tempo à compreensão desse corpo energético, melhor compreenderiam a relação entre o sensível e o não sensível.

Platão foi o primeiro pensador a nos fornecer uma imagem das idéias inatas. Para ele, o homem deve passar além dos sentidos, ou seja, para as idéias que não se derivam da experiência, nem dela dependem. Em **Kant**, as idéias da razão pura são objetos de pensamento para os quais não podemos encontrar qualquer correspondência na nossa experiência; são as idéias da alma, do mundo e de Deus. Em **Hegel**, a Idéia é o princípio universal do devir, que engendra a Natureza e se torna Espírito. Para **Descartes** e os cartesianos, as *idéias inatas* são as que pertencem ao espírito do homem desde o nascimento e só dependem de sua própria natureza: extensão, substância, Deus...

Há relatos de crianças em que o quociente de inteligência é bastante alto. Algumas falam de assuntos que extrapolam as suas idades físicas; outras tocam maravilhosamente bem um instrumento musical; outras ainda possuem uma capacidade de memorização de estarrecer. A que se deve isso? Se elas não tiveram tempo de aprender, de onde tiraram esse saber? Conclusão: esses fatos só podem ser explicados pelo princípio da reencarnação, princípio este que mostra que todos já tivemos outras vidas antes desta. Através delas é que fomos adicionando informações e conhecimentos ao nosso passivo espiritual.

Na resposta à pergunta 218 A (A teoria das idéias inatas não é quimérica?) de *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos superiores nos orientam que "Os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; o Espírito liberto da matéria, sempre se recorda. Durante a encarnação, pode esquecê-los em parte, momentaneamente, mas a intuição que lhe fica ajuda o seu adiantamento. Sem isso, ele sempre teria de recomeçar. A cada nova existência, o Espírito toma como ponto de partida aquele em que se achava na precedente".

O Espiritismo, como Doutrina codificada por Allan Kardec, trouxe-nos uma nova visão sobre o estoque de conhecimento existente. Cabe-nos debruçar sobre os seus princípios fundamentais, extraíndo deles as instruções necessárias para o correto direcionamento do nosso Espírito rumo às idéias supremas do bem e do belo.

Outubro/2005

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS EM NOSSA VIDA

Os Espíritos nos influenciam? Como isto se dá? É a todo o momento? E o nosso livre-arbítrio? Será que não pensamos pela nossa própria cabeça? Como distinguir o que é nosso daquilo que os Espíritos nos sugerem? Eis algumas das várias perguntas que se poderia fazer sobre o tema, sem a pretensão de respondê-las, mas somente com o intuito de exercitar o nosso pensamento.

Quem nunca ouviu falar do "Saci-Pererê", do "Homem do Saco" e do "Lobisomem"? Quem nunca ouviu falar de lugares assombrados? Quem nunca ouviu uma história sobre os castelos enfeitados? A presença de uma força oculta não é apanágio do dias que correm. Na Antigüidade, os homens da caverna já mantinham contato com o mundo espiritual, denotando que os Espíritos e mediunidade sempre existiram. J. H. Pires, no livro *O Espírito e o Tempo*, descreve os vários horizontes alcançados pelo homem, relacionando-os à maneira de se tratar com o sagrado e conseqüentemente o modo como fomos sendo influenciados pelos Espíritos ao longo de tempo.

Que os Espíritos nos influenciam não resta dúvida. Mas como separar a idéia sugerida pelo Espírito daquela que é nossa? Às vezes eles nos deixam ver claro, quando o fazem através dos ruídos, batidas, ou mesmo tocando-nos; outras vezes são tão sutis que não conseguimos separar uma coisa da outra. É o caso, por exemplo, de se querer distinguir entre a inspiração e a intuição no campo da mediunidade. Na intuição a idéia é da própria pessoa; enquanto na inspiração é o sopro de um Espírito amigo. Temos um pensamento brilhante: ele foi nosso ou de um amigo? Como assegurarmos com certeza de quem foi?

Somos mais passíveis de receber a influência dos Espíritos inferiores do que a dos Espíritos superiores. Por que? É que o nosso pensamento enovelado nos sentimentos sensíveis não consegue vislumbrar as luzes do mundo mais ditoso. Dado o nosso apego à matéria, os apelos à sensação, ao gozo, à distração são mais fáceis de serem captados. Observe o alcoólatra. Mal levanta, já lhe vem a idéia de beber. É o fenômeno da fixação mental, da idéia fixa, cuja causa inicial foi um descuido, uma abertura de nossa mente para o vício. Depois, enfraquecidos, os Espíritos menos felizes apoderam-se de nossa vontade e dominam-nos sem pena.

Os Espíritos superiores, pelo contrário, não nos molestam e não nos obrigam a fazer isso ou aquilo. Eles simplesmente sugerem-nos pensamentos elevados, que se traduzem na prática do bem. Não é, todavia, uma tarefa fácil, porque incitam-nos a entrar pela porta estreita, visto ser largo é o caminho da perdição e são muitos os que por ele se desviam. Como somos refratários às sugestões do bem, os Espíritos inferiores tomam a dianteira e assim vamos indo de existência em existência.

Sermos influenciados pelos bons ou maus Espíritos depende muito mais de nós do que imaginamos. Perseverando no bem estaremos naturalmente sendo amparados pelos bons Espíritos. Esforcemo-nos por tal empreendimento.

Fevereiro/1998

INTELIGÊNCIA E INSTINTO

Inteligência – do lat. *intellectus*, *inter* e *lec*. = escolher entre, ou *intus* e *lec* = escolher dentro, como preferem outros - é a faculdade que tem o espírito de pensar, conceber, compreender. Em sentido restrito, é a função de apreender conexões. **Instinto** - do lat. obsoleto *instinguo*, de *in* e *stinguo*, e do gr. *stizô* - significa impulso inato, inconsciente, irracional, que leva um ente vivo, um animal, a proceder de tal ou tal forma.

Os psicólogos procuram realizar uma tarefa difícil: a de distinguir a inteligência do instinto. Para muitos deles a inteligência é mais flexível, sendo até mesmo a soma das experiências do passado, que nos ajuda a tomar decisões no presente. Por outro lado, o instinto é cego, tal qual se observa no cão, que, mesmo domesticado, pisoteia o lugar em que vai dormir, como se devesse dormir sobre a erva.

A observação cuidadosa do comportamento de alguns animais mostra que o conceito comum de instinto, como mero impulso simples, não basta para explicar a complexidade de seus atos. A aranha construirá a teia diferentemente, segundo as circunstâncias e o lugar que disponha. O castor constrói diferentemente, segundo a corrente da água, o nível da mesma ou a

presença de homens. Por essa razão, acabam distinguindo o ato instintivo do ato reflexo.

O Espírito André Luiz, no cap. IV de *Evolução em Dois Mundos*, psicografado por F. C. Xavier, diz-nos que, na retaguarda do transformismo do princípio inteligente, o reflexo precede o instinto e o instinto, a atividade refletida, que é a base da inteligência; nas linhas da civilização, a inteligência, no círculo humano, é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade. Acrescenta ainda que a herança e o automatismo estruturam o princípio espiritual, desde sua origem, a fim de que este atinja a maturação no campo angélico.

Allan Kardec, no cap. III de *A Gênese*, relaciona instinto, paixão e inteligência. Diz-nos que o instinto é sempre guia seguro e nunca erra. Pode tornar-se inútil, mas nunca prejudicial. Enfraquece-se com a predominância da inteligência. As paixões, por sua vez, são úteis até a eclosão do senso moral, em que o ser passivo transforma-se em ser racional. Depois disso, torna-se nociva, caso não seja disciplinada pela razão.

Inteligência e instinto são duas faculdades de nosso espírito. Saibamos ponderá-las eficazmente, a fim de que possamos viver em paz com a nossa consciência.

Setembro/1998

JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

Justiça – do lat. *justitia* – significa, de modo restrito, a constante e perpétua vontade de conceder o direito a si próprio e aos outros, segundo a igualdade. **Amor** – do lat. *amore* –, sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. **Caridade** – do lat. *caritate* –, no vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus.

A justiça pertence às virtudes cardeais e a caridade às virtudes teologais. As virtudes cardeais, princípio de todas as virtudes, dizem respeito à **temperança**, à **fortaleza**, à **prudência** e à própria **justiça**. Entre essas, a justiça ocupa lugar de destaque, pois dá equilíbrio às demais. As virtudes teologais, consideradas como dons infusos por Deus, dizem respeito à **fé**, à **esperança** e à própria **caridade**. Dentre elas, a caridade é a mais perfeita. Unindo-se à justiça e à caridade pelos laços do amor, teríamos os fundamentos básicos de nossa conduta em sociedade.

A justiça, sendo fria e calculista, necessita do amor e da caridade que lhe complementam. O amor, conceito central do Cristianismo, reflete o sentimento de fazermos ao próximo todo o bem possível, tal qual desejaríamos que nos fosse feito. A caridade, dentro do caráter infuso, distingue-se da **filantropia**. A

caridade é, primariamente, o amor a Deus e, sem mudar a direção, secundariamente, é o amor ao próximo e a si mesmo.

Allan Kardec, na pergunta 648 de *O Livro dos Espíritos*, esclarece-nos que a divisão da lei de Deus em dez partes é a mesma da de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida. Dentre tais leis, a Lei de Justiça, Amor e Caridade é a mais importante; é por ela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, porque ela resume todas as outras.

O justo dá a cada coisa o lugar que lhe compete. Ordena na medida certa. Situando-se além das oposições e dos contrários, realiza em si a unidade, que é **una e total**. O verdadeiro justo simboliza o homem perfeito, que põe ordem, primeiro em si, depois em torno de si. Seu papel é o de uma verdadeira potência cósmica.

A justiça dá base ao amor, para que este se transforme na caridade, que é o amor em ação

Dezembro/1997

JUSTIÇA HUMANA E JUSTIÇA DIVINA

Justiça – do lat. *justitia* – é a virtude moral que faz que se dê a cada um o que lhe pertence e que se respeitem os direitos alheios. **Justiça humana** - é o conjunto de meios administrativos organizados pelas sociedades humanas para aplicação das leis que estabeleceram, e especialmente para julgar e castigar os delitos contra elas cometidos. **Justiça divina** – é o atributo de Deus segundo o qual Ele regula todas as coisas com igualdade.

O Universo é regulado por leis: Lei do Progresso, Lei do Trabalho, Lei de Adoração etc. Dentre tais leis, há a Lei de Justiça, Amor e Caridade, que resume todas as outras por ser a mais importante. Essa lei ensina-nos a usar a justiça na sua acepção mais pura, tendo como coadjuvantes o amor e a caridade. A justiça é fria, mas o amor e a caridade lhe dão um impulso superior e generoso, espontâneo e transbordante.

Todos nós fomos criados simples e ignorantes. À medida que vamo-nos tornando responsáveis pelos nossos atos, os benfeitores espirituais vão, paulatinamente, deixando-nos ao sabor de nosso livre-arbítrio. O livre-arbítrio, que é a faculdade de optar entre o bem e o mal, muitas vezes encharfura-se nas **paixões**. Estas, quando não são domadas pela razão, alteram o **reto juízo** e desviam-nos da prática do bem.

A justiça divina é a justiça perfeita. Porém, dada a limitação humana, o homem capta apenas alguns matizes dessa justiça maior. Por isso, o Direito da Idade Média difere substancialmente do Direito contemporâneo. É que o tempo

transcorrido propiciou a mudança dos hábitos e dos costumes de todos os povos. Assim, a lei humana deve regular as ações dentro de um horizonte cultural, enquanto a lei divina extrapola-a, segundo a dimensão do Direito Divino. Situarmo-nos sempre entre o **que é** e o **que deveria ser** é o método mais eficaz para sedimentarmos a justiça divina.

As reencarnações aproximam a justiça humana da justiça divina. Tendo em mente que a Lei do Progresso é inexorável, não resta dúvida que devemos melhorar o nosso senso de **justiça**, pois é a justiça que regula todas as outras virtudes, tais como a **temperança**, a **prudência**, a **fortaleza** e os seus derivados. O exercício de fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem encaminha-nos para a prática da verdadeira lei de justiça, amor e caridade. Porque, se é natural que desejemos o bem para nós, o mesmo devemos fazer com relação ao próximo.

A aquisição do reto juízo é a finalidade da vida. Esforcemo-nos por compreender o nosso próximo, fazendo-lhe o maior bem possível. Só assim vamos domando nossas paixões e liberando o ser cósmico que há dentro de nós.

Abril/1996

LEI E CONSCIÊNCIA

As **circunstâncias** que nos cercam constam de muitas e diferentes "coisas" - chamadas de "entes" - pelos filósofos. Suas características comuns são: existem num determinado lugar; têm começo, meio e fim; estão sujeitas às mudanças; são particulares e; podem não existir. No meio desse mundo aparece a **Lei**, porém sem essas particularidades apontadas. Exemplo: a Lei matemática não está num determinado lugar; não está sujeita ao tempo; não é individual; é universal. Isto quer dizer que dois mais dois são quatro em qualquer parte do globo.

A Ciência investiga, formula hipóteses e tira conclusões das Leis, mas não se interessa em explicar o que é a Lei. Essa tarefa cabe à Filosofia. E, nesse mister, os próprios filósofos entram em contradição: se idealistas, a fonte da explicação está no espírito; se materialistas, na matéria. A Filosofia espírita lança-nos uma luz sobre esse fato.

Allan Kardec, na pergunta 621 de *O Livro dos Espíritos*, afirma-nos que a Lei está escrita na consciência do ser. Diz-nos que entre as leis divinas ou naturais, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com o seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

O que significa dizer que a Lei Divina ou Natural está escrita na consciência do ser? Os Espíritos foram criados simples e ignorantes, porém potencialmente perfeitos. Assemelham-se a uma semente, que traz potencialmente a árvore e os frutos dentro de si mesma. A consciência se atualiza nas várias existências terrenas, sujeita ao uso do livre-arbítrio. Se optarmos pelo bem, avançaremos livremente; se pelo mal, dificilmente.

A porta estreita - o caminho reto - exige esforços constantes. Nem sempre estamos dispostos a renunciar à nossa comodidade, aos nossos vícios e aos nossos defeitos. Quanto mais cedermos a essas atitudes, mais a nossa consciência fica obscurecida pelos apetites da carne em detrimento dos anseios do Espírito. Contudo, a Lei do Progresso é compulsória e deveremos retornar ao caminho da perfeição moral.

Por isso, a dor é o grande termômetro de nossa evolução espiritual. Afastando-nos da prática do bem, ela surge com todo o seu vigor, impulsionando-nos de volta, a fim de retomarmos a consciência das leis naturais que havíamos esquecidos.

Fonte de Consulta

BOCHENSKI, J. M. *Diretrizes do Pensamento Filosófico*. 5. Ed., São Paulo, EPU, 1973.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo, FEESP, 1972.

Julho/1996

MORTE

Morte – Do lat. *mortem* – é simplesmente definida como ausência de vida; foi sempre vista como mistério, superstição e fascinação pelo homem. De acordo com o Espiritismo, é o desprendimento total do Espírito do corpo físico, em consequência da ruptura do laço fluídico que prende ou liga um ao outro, quando então há o falecimento.

As sociedades modernas negam a morte. Nos Estados Unidos há o "*Funeral Home*", ou seja, "casa de embelezamento de cadáver". As altas tecnologias desenvolvidas para tratar as doenças dão certa supremacia aos médicos. Atualmente, muitas crianças só vêem o falecimento através de filmes. Isso porque a maioria das pessoas passa os últimos instantes de sua existência em hospitais, que foram construídos para salvar vidas. A morte, em certo sentido, é uma derrota da medicina.

As religiões têm exercido poderosa influência nas "atitudes" dos indivíduos com relação ao passamento. No Catolicismo, há a imagem do fogo eterno queimando nossas entranhas; nas Doutrinas Orientais, a volta do Espírito em um corpo animal. Além da questão religiosa, há os erros de abordagem: tudo

termina com a morte; imersão no desconhecido; excesso de preparação para o desenlace; dúvidas com relação à imortalidade e ilusão de sermos indispensáveis à família.

Allan Kardec, no livro *O Céu e o Inferno*, trata exaustivamente do problema da morte. Diz-nos que o temor da morte decorre da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total. Segundo o seu ponto de vista, o espírita não teme a morte, porque a vida deixa de ser uma hipótese para ser realidade. Ou seja, continuamos individualizados e sujeitos ao progresso, mesmo na ausência da vestimenta física.

Nós, os chamados civilizados, deveríamos aprender a morrer. É possível que o desenvolvimento econômico e industrial tenha obscurecido nossa mente sobre o fato. Contudo, cedo ou tarde, teremos de enfrentar o problema. Sócrates, filósofo grego da Antigüidade, já nos alertava que a Filosofia nada mais é do que o estudo da morte. Pergunta-se: como anda o nosso treino para o desenlace?

A transição serena exige tranqüilidade de consciência. Desapeguemo-nos, assim, dos nossos familiares, de nossos bens materiais e de tudo aquilo que possa dificultar a nossa partida.

Julho/1996

REFLEXÕES SOBRE A MORTE E O MORRER

A morte é uma experiência universal. Dela não podemos escapar. É uma questão de mais ou menos dias. Suponha que uma pessoa tenha descoberto um elixir, que nos faça viver 200, 300 ou 400 anos. Qual é a nossa reação? Aceitamos pacificamente esta idéia ou sentimos um mal-estar por ter nossa existência ampliada indefinidamente? Pensamos: o que eu vou ficar fazendo tanto tempo neste Planeta de provas e expiações?

A morte é necessária, pois precisamos de renovação tanto do corpo como do Espírito. Observe que o grande benefício dos Mistérios Gregos era o de libertar seus iniciados do temor da morte, caracterizado pela apreensão ao desconhecido ou pela separação daqueles a quem amamos. Sócrates, por exemplo, ensinava que a filosofia nada mais era do que uma preparação para a morte. A posição dos pensadores da antiguidade era totalmente diferente da de alguns da sociedade moderna, que negam e interditam a morte.

Deixemos o ente querido seguir o seu próprio caminho. Queremos saber como e onde está, se está sofrendo ou não, mais atrapalha do que ajuda. Há equipes de socorro para tal finalidade. Pergunta-se: será que nos condoemos com o falecido ou com a nossa solidão em relação a ele? Tanto numa como na outra situação, a essência dos acontecimentos não se modifica, pois tão logo termina esta vida, a vida seguinte se inicia, e os mortos têm seu próprio trabalho a

fazer. Insistirmos em obter informações do desencarnado prejudica-lhe o progresso espiritual.

A lagarta morre na sua condição de larva para renascer como borboleta. Pensemos alegremente sobre as novas esperanças e novas atividades que se estarão descortinando para o recém-desencarnado. Muitas vezes insistimos para que o morto se comunique conosco. Dificilmente nos lembramos de que a narração fornecida por uma pessoa recém-falecida é relativa ao seu estado evolutivo. Ela só vê uma pequeníssima porção do todo e não tem meios de avaliar-lhe a importância. É como o enfermo num hospital: ele só tem consciência da enfermidade em que está internado.

E quando o desenlace não segue um processo normal, como é caso da morte súbita ou da morte violenta? O morto que não percebe que está morto é um grande problema. Há necessidade de preces e vibrações dos encarnados, para que consiga desanuviar a sua mente e adquirir novamente o seu equilíbrio mental. Há casos de longa duração. Nada de pressa. Façamos o que nos compete e deixemos que os Espíritos superiores cuidem do resto.

E se o Senhor nos tirasse a vida hoje? Estaríamos preparados para a partida? Observe a parábola evangélica em que o homem rico, preocupado com o destino da sua riqueza, dizia: "Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde porei toda a minha colheita e todos os meus bens. – E direi à minha alma: Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza". Deus, porém, disse ao homem: "Que insensato és. Esta noite mesmo tomar-te-ão a alma; para que servirá o que acumulaste? É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus". (Lucas, 12, 13 a 21)

Diante dessas informações, a utilização do tempo assume papel relevante na preparação para a morte. O progresso espiritual não é medido pela duração, mas pela vivência intensiva do tempo disponível, que é de 24 horas por dia, para todos os viventes.

Novembro/2006

DEPOIS DA MORTE

O que devemos esperar além-túmulo? Nada de expectativas exageradas, porque as mudanças não se dão aos saltos; o progresso é lento e ininterrupto. A morte apenas indica uma mudança de plano, de dimensão. Quando encarnados, temos um corpo físico; desencarnados, ficamos sem ele. Contudo, continuamos vivos, sendo esta a grande surpresa dos que cometem o suicídio.

Geralmente, o Espírito passa por uma perturbação, que pode ser longa ou curta, dependendo de sua evolução moral e espiritual. É o tempo necessário para a sua adaptação ao outro mundo, o verdadeiro mundo do Espírito. Lembremo-nos de que embora os maus fiquem mais tempo nesse estado de

perturbação, nem por isso estarão isentos do socorro dos mentores espirituais, pois segundo a orientação evangélica: "Nenhuma das ovelhas se perderá".

O céu e o inferno fazem parte da ortodoxia católica, em que pressupõe lugares circunscritos no plano espiritual. O Espiritismo esclarece que tanto um quanto o outro deve ser entendido como estados mentais. Se, ao desencarnarmos, formos bafejados pelos eflúvios balsâmicos dos benfeitores espirituais, poderemos nos considerar no céu; se, ao contrário, formos influenciados por vibrações pesadas, no inferno. Dolorosa, cheia de angústias para uns, a morte não é, para outros, senão um sono agradável seguido de um despertar silencioso.

Há íntima relação entre o perispírito e o desencarne. Quanto mais sutis e rarefeitas são as moléculas constitutivas do perispírito tanto mais rápida é a desencarnação, tanto mais vastos são os horizontes que se rasgam ao Espírito. Devido ao seu peso fluídico e às suas afinidades, ele se eleva para os gozos espirituais que lhe são similares. Cada perispírito pode ser comparado com balões cheios de gases de densidades diferentes que, em virtude de seus pesos específicos se elevam a alturas diversas. Porém, como Espírito tem vontade e livre-arbítrio, ele pode modificar as tendências em curso.

As sensações descritas pelos Espíritos desencarnados assemelham-se e podem ser resumidas da seguinte forma: todos afirmam terem se encontrado novamente com a forma humana, nessa existência; terem ignorado, durante algum tempo, que estavam mortos; haverem passado, no curso da crise pré-agônica, ou pouco depois, pela prova da reminiscência sintética de todos os acontecimentos da existência que se lhes acabava; acolhidos pelos familiares e amigos; haverem passado "sono reparador"; terem passado por um túnel.

Muitas religiões prometem recompensas além-túmulo. O Espiritismo não faz tal assertiva; o mesmo ocorre com o Budismo. O Espiritismo explica-nos que há uma lei – a de causa e efeito –, que se cumpre no mundo dos Espíritos. De acordo com essa lei, aqueles que na Terra viveram em erro e distantes dos princípios cristãos, deverão sofrer as conseqüências desagradáveis (dor, remorso e inquietação); aqueles, que viveram plenamente a prática do bem, terão como conseqüência a felicidade dos bem-aventurados.

Para muitos, a morte é um grande enigma, é o ponto de ruptura dos sonhos e das realizações terrenas. Quanto a nós, instruídos pela sabedoria dos Espíritos superiores, sabemos interpretá-la como uma mera continuidade desta vida.

Novembro/2006

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

Perturbação – do lat. *perturbatione* – significa mudança, alteração, modificação. **Perturbação espiritual**, estado de confusão, embaraço, obnubilamento (maior ou menor, conforme o grau de adiantamento moral) do Espírito no momento de sua separação do corpo físico.

No momento da morte tudo é confuso. O Espírito, isento da vestimenta física, fica como que atordoado ao entrar numa dimensão diferente daquela que estava vivenciando. Há perda de lucidez e de memória. Muitos dizem-se penetrar num túnel escuro. As sensações dos que morreram com pureza de consciência são completamente opostas das daqueles que morreram apegados aos bens materiais. É que os primeiros se preparam para o porvir; os demais, encastelaram-se na superficialidade da matéria.

A duração do estado de perturbação espiritual, no mundo dos Espíritos, varia para cada um de nós. Uns recobram a lucidez e a memória rapidamente; outros, lentamente. Tudo de acordo com o grau de evolução espiritual alcançado. De qualquer forma, inteirando-nos de nossas experiências passadas, boas ou más, podemos projetar o nosso futuro, inclusive com relação a uma próxima encarnação.

Os gozos e as penas futuras dependem do estado consciencial de cada ser. Os Espíritos que praticaram o bem estarão com a consciência pura, portanto, aptos a usufruírem das alegrias celestiais. Os Espíritos que praticaram o mal, terão a consciência turva, portanto, deverão sofrer as penas, no sentido de se reajustarem às leis naturais.

O conhecimento do Espiritismo auxiliar-nos-á na compreensão da maior ou menor duração da perturbação espiritual. Através dele, vamos absorvendo a essência das leis divinas e, dessa forma, antecipando o que há de vir. Convém salientar que o simples conhecimento da Doutrina Espírita não nos levará ao estado de plena felicidade. Importa, muito mais, a pureza de consciência e a prática do bem, que são factíveis a toda a humanidade terrestre.

Estudemos denodadamente o Espiritismo, a fim de que possamos melhorar a nossa conduta e, conseqüentemente, criarmos condições para habitar um mundo ditoso e feliz.

Novembro/1997

REENCARNAÇÃO

Encarnar – Do lat. *incarnare* – significa penetrar (o Espírito em um corpo). **Reencarnar** (de **re** + **encarnar**) significa a volta do Espírito em um novo corpo físico. **Reencarnação** (de **re** + **encarnação**) é a doutrina da pluralidade e da unidade das existências corpóreas, isto é, do nascimento ou renascimento de Espíritos tanto na esfera terrena como na de outros planetas.

A reencarnação é um princípio veiculado desde a mais alta Antigüidade. Pitágoras não foi o criador da reencarnação (confundida com a metempsicose), pois absorvera esses conhecimentos das filosofias indianas e dos meios egípcios, onde ela existia desde épocas imemoriais. Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, não inventou, pois, a reencarnação. Apenas deu-lhe um tratamento racional, mais conforme às leis progressivas da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, ao despojá-la de todos os acréscimos da superstição.

O princípio da reencarnação funda-se na justiça divina e na revelação. A reencarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos. Deus, na sua infinita bondade, deixa sempre uma porta aberta ao arrependimento. Nesse sentido, a finalidade da reencarnação pode ser uma prova, uma expiação ou uma missão. Porém referindo-se sempre à evolução e à perfeição do Espírito encarnado.

Os Espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias. O limite é a perfeição do ser. Assim, exauridas todas as possibilidades de um mundo, o Espírito pode reencarnar em outro, a fim de dar continuidade até atingir a perfeição. Por outro lado, caso não tenha acompanhado a evolução de um determinado orbe, pode encarnar em outro menos evoluído, o que se tornará uma dura prova para o Espírito.

A finalidade da encarnação, como vimos, é a perfeição do Espírito. Isso porque, se o Espírito permanecesse eternamente no mundo espiritual, não evoluiria tão rapidamente como estando encarnado. Aqui, ou em outros mundos, sofre as limitações do corpo físico, as intempéries do tempo e as condições ambientais inerentes a cada globo. Tudo isso para o fortalecimento do ser.

Aproveitemos a oportunidade de estarmos reencarnados. Não nos deixemos abater pelas provas e expiações que se fazem necessárias ao nosso adiantamento espiritual.

Julho/1996

REENCARNAÇÃO: OUTROS DETALHES

A *reencarnação* significa a volta do Espírito em sucessivos corpos, diferentes uns dos outros. A reencarnação é o enclausuramento do Espírito, uma prisão, a qual fornece subsídios valiosos para a sua purificação. É uma espécie de auto-aniquilamento das paixões, uma depuração moral que facilita a iluminada oportunidade de entendimento. De *re* + *encarnar*, ou seja, entrar novamente na carne, encarnar novamente.

A *reencarnação* é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita. Ela não é uma invenção moderna do Espiritismo; já existia na Antigüidade, especificamente na Índia (o Budismo e o Hinduísmo são um exemplo). Embora

fosse característica das religiões orientais, aparece também nas religiões primitivas e nos mistérios órficos dos gregos. Mais recentemente, há menção dela no maniqueísmo e no gnosticismo, como também, nos movimentos teosóficos. O ponto central é a lei do *karman* (efeito), ou seja, a lei de causa e efeito, em que mostra que o que fizermos nesta vida terá consequência na próxima, isto é, na vida futura.

A reencarnação pode ser vista sob diferentes ângulos, inclusive como *metempsicose*, que é a volta do Espírito num corpo animal, e mesmo em plantas. Embora as religiões orientais defendam a tese moral da metempsicose (punição pelos erros cometidos), a Doutrina Espírita, sob a orientação dos Espíritos superiores, não aceita tal teoria, afirmando que a reencarnação propriamente dita diz respeito apenas aos seres humanos, aqueles Espíritos que adentraram no reino hominal, e não podem mais retrogradar.

Muitos escritores espíritas usam o termo reencarnação como sinônimo de palingenesia. Há que se esclarecer: *apalingenesia*, de *palin* (de novo) e *genese* (nascer) é um termo amplo que se refere a todo e qualquer renascimento, quer se trate da biologia, da matéria bruta ou da vida social. O correto seria usar a palingenesia como um caso particular de reencarnação. Em outras palavras, a reencarnação somente será sinônima de palingenesia quando as duas se referirem ao ser humano. Nesse sentido, José Herculano Pires, em *Introdução à Filosofia Espírita*, diz que a palingenesia pode ser mais bem visualizada no final da pergunta 540 de *O Livro dos Espíritos*: "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou do átomo".

A reencarnação é a única que está de acordo com a justiça divina. Sem ela, não saberíamos explicar por quê viemos a este mundo, por quê uns são ricos e outros pobres, por quê que uns nascem sãos e outros doentes. Ela mostra que o ser humano deve fazer a sua evolução espiritual e moral e, uma vez iniciada, não pode mais retroagir, porque a lei do progresso é compulsória.

Há muitas pessoas que não concordam com a justiça da reencarnação. Aham que nossa existência serve apenas para pagar dívidas passadas. A reencarnação, porém, não é punição, mas oportunidade de reajuste às Leis Divinas. Como reflexão, suponha que tivéssemos passado esta encarnação somente fazendo mal ao nosso próximo. Desencarnamos. Isso fica incólume? Não. É preciso que tenhamos uma outra oportunidade para refazer o que fizemos de errado e dar continuidade ao nosso progresso moral. Nesse caso, a reencarnação é um sofrimento, que devemos suportar com coragem e resignação, pois o *mal sofrer* pode acarretar novos débitos para o futuro.

Agradeçamos a oportunidade da reencarnação. Quem estiver cansado de reencarnar que se purifique.

Maio/2007

Espiritismo

ESPIRITISMO: UMA REVOLUÇÃO CULTURAL

Revolução – do lat. *revolvere* = cair para trás, donde deriva *revolutio* = retrocesso no tempo (e a idéia de recomeço)-. Do ponto de vista sóciopolítico, a revolução é a alteração brusca, por vezes violenta e sangrenta, de toda a ordem social. **Cultura** – do lat. *cultura* –, cuidados com os vegetais e, posteriormente, cuidados com o espírito. O termo aplicado em Antropologia e Sociologia diz respeito a tudo o que numa sociedade é adquirido, aprendido e pode ser transmitido, de uma geração para outra.

Podemos considerar o Espiritismo como sendo uma revolução cultural? Esta questão leva-nos ao estudo das civilizações. Para uma melhor compreensão do problema, urge diferenciarmos **cultura** de **civilização**. **Acivilização** tem conotação ampla e pode, inclusive, representar a soma de várias culturas. A **cultura**, por outro lado, tem dimensão restrita, como, por exemplo, os costumes e o comportamento de uma dada comunidade. Hoje, embora tenhamos atingido a era da cibernética, ainda convivemos com diversas culturas do período pré-civilizado.

Historicamente, até o século XV, a Igreja monopolizava a aquisição e a transmissão dos conhecimentos. Depois, principalmente com a Renascença, novas luzes começam a despontar: surgem as várias ciências, que restringem a influência dos dogmas religiosos. Os cientistas, através de pesquisas, desvendam os mistérios do universo, tanto os macrocósmicos como os microcósmicos. A humanidade passa, então, a reverenciar o materialismo e suas inovações. É dentro desse contexto que surge o Espiritismo.

Os princípios fundamentais da Doutrina Espírita têm grande serventia, ou seja, criar condições para que o homem possa mudar a direção do vetor materialista para a do vetor espiritualista. Não resta dúvida que a codificação destes princípios foi coroada de êxito. Contudo, a caracterização do Espiritismo como uma revolução cultural, de âmbito mundial, está ainda muito distante. Basta ver, por exemplo, o quadro estatístico das grandes religiões, em que o Cristianismo representa apenas 30% do total. Se, deste valor, tirarmos o número de Católicos e de Protestantes, a quantidade de Espíritas é bem pequena.

Allan Kardec, na pergunta 798 de *O Livro dos Espíritos*, informa-nos que o Espiritismo se tornará uma crença comum, porque pertence à Natureza. diz-nos, também, que haverá lutas, porque as idéias só se transformam com o tempo e não subitamente; elas se enfraquecem de geração em geração e acabam por desaparecer com os que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios.

O Espiritismo é uma doutrina do futuro. Na atualidade, os Espíritas têm muito trabalho a realizar, ou seja, fortalecerem-se no estudo e na compreensão dos seus princípios fundamentais.

Agosto/1996

ESPIRITISMO NO BRASIL - SUAS ORIGENS

O fenômeno de Hydesville em trinta e um de março de 1848, nos Estados Unidos, e o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em dezoito de abril de 1857, são considerados os dois grandes marcos do Espiritismo. A característica principal desse intervalo de nove anos foi o alastramento fenômeno das "mesas girantes", o qual forneceu subsídio a Allan Kardec para codificação do Espiritismo.

O fenômeno das "mesas girantes" chega ao Brasil. Segundo Zêus Wantuil, em *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, supõe-se que o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, foi o primeiro órgão da Imprensa brasileira a publicar notícias acerca das "mesas girantes". Isto ocorreu em 1853. Neste mesmo ano há, também, notas estampadas no *Diário de Pernambuco* e no jornal *O Cearense*. Relatavam-se nas referidas notas que não se podia por os pés em um salão, sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda, esperando que a tábula queira voltear.

Às vinte horas e trinta minutos do dia dezessete de setembro de 1865 realizou-se a primeira e autêntica sessão espírita. Na ocasião, Luís Olímpio Teles de Menezes recebe a primeira página psicografada e assinada por "Anjo Brasil". Em julho de 1869, para melhor defender e propagar o Espiritismo, Luís Olímpio Teles de Menezes publicou *O Echo D'Além-Túmulo* - Monitor do Espiritismo no Brasil, o primeiro jornal espírita do Brasil.

O período 1873-1889 retrata os primeiros passos do Espiritismo no Brasil. P. F. Barbosa, em *Espiritismo Básico*, estuda o conteúdo histórico de várias datas, entre as quais citamos: dia dois de agosto de 1873 instala-se a "Sociedade de Estudos Espíritas - Grupo Confúcio"; dia primeiro de janeiro de 1875 o "Grupo Confúcio" lança a Revista Espírita, nos mesmos moldes da Revista Espírita de Allan Kardec; dia primeiro de janeiro de 1884 funda-se a Federação Espírita Brasileira (FEB); dia vinte e três de maio de 1889 Bezerra de Menezes inicia o estudo sistemático de *O Livro dos Espíritos* em sessões públicas semanais.

O início do Espiritismo no Brasil foi marcado por diversas contrariedades. O entrave maior situou-se entre os próprios espíritas, ou seja, formaram-se vários núcleos espíritas, cada qual com finalidades distintas. Havia os grupos de estudo do Evangelho, os do estudo científico, os do estudo filosófico e os roustanguistas. Foi preciso a presença serena de Bezerra de Menezes, a fim de unificar o movimento, dando-lhe uma direção fundamentada nos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

Depois de Bezerra de Menezes ter alicerçado a base, o movimento alastrou-se. Hoje, apesar de algumas divergências, este movimento vem se fortificando dia-a-dia. Esperamos que continue nesse ritmo.

Fonte de Consulta

BARBOSA, P. F. *Espiritismo Básico*. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1987.

WANTUIL, Z. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 1957.

XAVIER, F. C. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. 11. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Janeiro/1996.

O FUTURO DO ESPIRITISMO

Allan Kardec, na *Revista Espírita* de 1863, dissera que o desenvolvimento da Doutrina Espírita se processaria em 6 períodos: 1) **curiosidade**; 2) **filosófico**; 3) **luta**; 4) **religioso**; 5) **intermediário**; 6) **renovação social**. O período de *curiosidade* caracterizou-se pelos fenômenos das mesas girantes. O período *filosófico* coincidiu com o lançamento de *O Livro dos Espíritos* (18/04/1857). O período de *luta* identificou-se com o auto-de-fé de Barcelona (1860), em que os livros espíritas foram queimados em praça pública. Não houve explicação para o período *intermediário*. O período de *renovação social* preconizava a mudança de hábitos e atitudes de toda a humanidade.

Pelo que se depreende dos períodos analisados, o futuro do Espiritismo está vinculado à *renovação social*. Por que? Porque o Espiritismo, sendo uma crença UNIVERSAL, conterà toda a verdade. Quer dizer, chegará um momento em que as instituições sociais (Direito, organizações estatais e empresas de um modo geral) receberão a influência dos Espíritos superiores e mudarão completamente o relacionamento entre os superiores e os inferiores. Todos serão tratados como seres humanos, não importando a posição social que desempenham.

A **idéia espírita**, que existe desde que o homem teve a inteligência, deverá prevalecer no seio da sociedade. Uma forma de visualizá-la é compará-la à luz.

Observe que a luz caminha, sem ruído, na escuridão e nas sombras. Ela vai iluminando todo o lugar por onde passa. Não há alarido, nem barulho estridente. O mesmo deve acontecer com a *idéia espírita*. Não há necessidade de buscar prosélitos, sair à praça pública, persuadir este ou aquele para deixe a sua religião e freqüente o Espiritismo. Cada um vai tomando consciência do fato e, naturalmente, seu pensamento se dirigirá para a causa espírita.

Vejamos a lógica da idéia espírita. Quando a humanidade se conscientizar da lei de causa e efeito, ou seja, que toda a causa provoca um efeito ou que todo o efeito é proveniente de uma causa, todos nós estaremos cerceando os nossos gestos menos felizes. Suponha um criminoso, que tenha recebido a influência do Espiritismo. Possivelmente, no justo momento em que ele estiver preste a cometer um delito e, temendo sofrer as conseqüências na vida futura, poderá recuar e evitar o crime.

Ao analisar a Lei do Progresso, os Espíritos informam-nos de que o Espiritismo será uma **crença comum** e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque pertence à Natureza e chegou o tempo em que deve tomar lugar nos conhecimentos humanos. Assim sendo, é preciso saber esperar o momento oportuno para tal transformação, pois as idéias novas não são aceitas incontinenti. Os espíritas deveriam proceder como o sementeiro que, depois de jogar a semente na terra, cuida de seu crescimento, esperando o momento certo para colher os frutos.

O futuro do Espiritismo depende do que os espíritas estão fazendo no presente. Sendo assim, procuremos nos regozijar sempre, quer estejamos alegres ou tristes, pois criaremos um clima de muita paz e harmonia em volta de nós mesmos.

Outubro/2004

FUNDAMENTOS DO ESPIRITISMO

Fundamento é o princípio, a raiz, a origem em que repousa *de fato* uma ordem de fenômenos. Segundo Aristóteles, é conhecer a coisa pela *causa*, de modo que não a podemos conceber de outra maneira. Para uma melhor visualização, façamos uma comparação com a construção de um prédio: antes de subir as paredes, alocamos um tempo enorme nas fundações, pois do contrário as paredes poderiam ruir. O mesmo raciocínio deve ser aplicado à edificação da Doutrina Espírita: primeiro os fundamentos; depois, o complemento.

Quais são os fundamentos básicos do Espiritismo? Onde encontrá-los? Como absorvê-los? Enumerá-los não é tão difícil. Eis alguns deles: a *Existência de Deus*, a *Reencarnação*, a *Lei de Causa e Efeito*, a *Mediunidade* e a *Evolução*. Para encontrá-los, basta compulsar as obras básicas, principalmente *O Livro dos Espíritos*. O mais difícil, porém, é absorvê-los de maneira profunda, ou

seja, fazê-los penetrar em nosso âmago, em nossa respiração, em nossos pensamentos mais secretos.

Enfatizamos que o Espiritismo foi construído sobre *princípios* e não sobre *dogmas*. Contudo, em *O Livro dos Espíritos*, deparamo-nos com o **dogma da reencarnação**. De imediato, imaginamos que foi erro de tradução. Indo ao original, verificamos que foi traduzido corretamente. Surge a dúvida: o Espiritismo tem ou não tem dogma? Para dirimi-la, é preciso distinguir o *dogma* do *conhecimento dogmático*. Os *dogmas*, geralmente religiosos, não admitem contestação. O *conhecimento dogmático*, embora possamos contestá-lo, não o fazemos, porque nos faltam argumentos para tal. A razão nos induz a aceitá-lo.

O Espiritismo, embora fundado sobre a lógica dos fatos, foi duramente criticado pelos sábios da época. Muitos deles, membros das *Sociedades de Pesquisas Científicas*, saíram a campo para desmascarar os truques, a farsa e a fraude dos fenômenos mediúnicos. Ao se defrontarem com os fatos, mudaram de opinião. Por que? É que sendo cientistas, davam total importância ao fato, matéria prima de seu saber. Observe o trabalho hercúleo de William Crookes que, depois de se render ao fenômeno, estuda-o minuciosamente.

J. H. Pires costumava dizer que "A força do Espiritismo não está nos fenômenos, mas na sua Filosofia", ou seja, nas conseqüências morais que daí dimanam. Toda a pessoa que tiver contato com a Doutrina Espírita, e não procurar conformar a sua vida com as orientações dos Espíritos superiores, muito longe está dos seus fundamentos básicos. Ficar na superfície dos fenômenos mediúnicos não nos dá créditos para ganhar o céu. Não esperemos que a verdade nos pegue desprevenidos. Estejamos sempre à frente dos acontecimentos.

Pensar, conhecer, receber informações pertence a todos. O sentimento, que se tem da referida informação, pertence à individualidade. É aí que reside a grande transformação de Humanidade.

Fevereiro/2004

A INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO MUNDO

Influência – poder de irradiar predicados morais ou culturais. Entende-se como uma ação do educador para com o educando. É um veículo universal direcionado e onidirecionado. **Espiritismo** – termo usado por Allan Kardec para expressar a doutrina fundada sobre a crença de existência de Espíritos e nas suas manifestações. **Mundo** – uma casa em reforma, com a lei da mudança a lhe presidir todos os movimentos, através de metamorfoses e dificuldades educativas.

A criação do termo *Espiritismo*, por Allan Kardec, serve simplesmente para definir um campo de conhecimento, diferenciando-o das outras formas de

espiritualismo. Aplica-se a regra escolástica segundo a qual a definição se faz "per genus proximum et differentiam specificam" (pelo gênero próximo e diferença específica). Para fundamentar o novo termo, Allan Kardec estudou os fenômenos mediúnicos segundo o método teórico-experimental, já posto em prática pela maioria das ciências. Baseado na observação dos fatos mediúnicos, pode oferecer um caráter universalista à nova doutrina que acabava de se firmar.

O *Espiritismo* não é uma religião, não é de uma pessoa, não é de um partido e nem de uma instituição. Ele é dos Espíritos, que acharam por bem auxiliar o avanço espiritual das criaturas aqui neste Planeta de provas e expiações. Dado o seu caráter impessoal, podemos afirmar que ele é universalista. Quer dizer, os princípios fundamentais do Espiritismo, tais como a existência de Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação e a evolução do Espírito imortal, não sendo de uma pessoa e nem de um partido, adquirem caráter universal.

A *revelação espírita* partiu, inicialmente, dos Espíritos superiores. O ser humano teve apenas o trabalho de organizá-la, a fim de que todos pudessem inteirar-se de seu conteúdo doutrinário. Para o êxito da codificação, Allan Kardec recebeu ensinamentos de Espíritos luminares, tais como, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luis, Sócrates, Platão etc. O fato de ter aparecido em vários pontos da Terra, mostra a grandeza do Criador. Se dependesse apenas de um homem, haveria dúvida por parte de muitos. Mas, como a comunicação foi feita através de diversos médiuns, espalhados pelo mundo, todos puderam ter acesso à informação desses Espíritos.

Na pergunta 798 de *O Livro dos Espíritos*, há a afirmação de que o "Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na Natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos". A crença geral não significa que o Espiritismo irá substituir todas as religiões, mas que a sua luz servirá para todas. O Espiritismo influenciará não só as religiões, mas todas as organizações terrestres, governamentais e não-governamentais, porque, quando cada indivíduo receber esta influência, passa-la-á, necessariamente, para a sociedade em que vive.

Sabemos que a doutrina, sendo dos Espíritos, seguirá o seu curso, independentemente da nossa vontade. Contudo, para a nossa felicidade, sejamos um dos seus adeptos conscientes.

Março/2007

A ALMA E A IMORTALIDADE

A **imortalidade da alma** exprime a noção essencialmente positiva, de vida-sem-fim, daquilo que não é submetido à morte. Excetuando-se o seu uso metafórico, em que uma pessoa pode ser imortal pelas suas idéias ou por seus livros, a imortalidade é a crença de que a alma prossegue viva no além-túmulo. Esta hipótese é sustentada não só pelas religiões como também pelo conjunto da filosofia espiritualista desde a Antigüidade.

Não se sabe quando o ser humano começou a se interessar pela vida após a morte. No período paleolítico – pedra lascada – (2.500.000 a.C. a 10.000 a.C.) não se tem notícia. Somente no período neolítico – pedra polida – (10.000 a.C. a 4000 a.C.) foram registrados alguns indícios: objetos e alimentos deixados perto dos mortos. No antigo Egito, a convicção da existência de uma vida futura era categórica, principalmente pela prática de embalsamar os faraós mortos.

Dependendo do ângulo observado, a palavra alma está sujeita a várias interpretações. Para os *materialistas*, a alma é o princípio da vida orgânica material; não tem existência própria e se extingue com a vida; para os *panteístas*, a alma vem de Todo universal, toma um corpo e com a morte volta novamente ao Todo; para os *espiritualistas*, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte. Allan Kardec, por sua vez, além de corroborar com a tese espiritualista, define-a como sendo um Espírito encarnado.

A morte é uma experiência universal. O ser humano nasce, cresce, luta, sofre, sonha, mas é vencido pela morte. A transição deste para o outro mundo depende de crenças e hábitos dos diversos povos. Para alguns há o medo do fogo do inferno; para outros, a serenidade. Os americanos negam a morte, enquanto os Trukeses, os habitantes das ilhas Truk (Pacífico), ratificam-na. Alguns povos choram a morte de seus parentes; outros a festejam. O espírita, porém, não deve temer a morte, porque sabe que receberá toda a proteção necessária dos amigos espirituais.

As expectativas após a morte dependem do próprio conceito de alma, visto anteriormente. Para os *materialistas*, é o nada que nos espera; para os *panteístas*, é a dissolução no Todo universal; para os espiritualistas dogmáticos, é a crença num Céu e num Inferno e a ressurreição no dia do Juízo Final; para os espíritas, é a crença de que a alma continua a sua caminhada no mundo espiritual, guardando a sua individualidade e sujeita a um progresso ininterrupto, sofrendo pelos erros cometidos e sendo agraciada pelo bem que fez ao semelhante.

Sejamos obedientes a Deus, aceitando sem reservas as Suas determinações. Somente assim vamos adquirindo uma visão mais acurada da realidade que nos aguarda, a verdadeira realidade espiritual.

AMOR

Amor do lat. *amore* é um vocábulo polissêmico, ou seja, suscetível de diversas definições. Por isso, diz-se que o amor não é definível, visto encerrar uma vastíssima escala de genitivos e de nominativos. Concede-se, porém, algumas aproximações, na maioria das vezes distantes do conteúdo amplo que o termo encerra.

A concepção do amor está centrada nas raízes greco-romanas. Na sua forma **helênica** - sobretudo platônica e neoplatônica - o amor assenta-se em dois pressupostos: 1.º) que o mundo é eterno e não criado; 2.º) que amar implica o conhecer e o conhecer implica o amar. Na sua forma **judeu-cristã**, o amor não partirá do mundo nem do homem, mas de Deus, Transcendência absoluta. Fundado no amor divino, o amor humano será pluridirecional e pluridimensional, será ativo e será histórico, será concreto e terá na imitação do próprio Deus, designadamente através de Cristo – *imitatio Christi* – o seu grande motor.

O amor manifesta-se entre todos os mortais. Até o mais rude de todos os seres humanos ama, porque a lei do amor é uma lei da natureza. Acontece, porém, que há várias maneiras de amar, o que muitos de nós acaba confundindo com o egoísmo. Nesse sentido, o amor filial, o amor paternal, o amor conjugal pode transformar-se no amor posse, no amor paixão. O verdadeiro amor liberta o ser que ama.

Platão, na Antigüidade clássica, distinguia o amor sensível do amor não sensível. O termo amor platônico liga-se a essa idéia. Hoje temos dificuldade de amar, sem as influências do prazer sexual. Os meios de comunicação agem tão intensamente sobre a sexualidade que mal conseguimos vislumbrar as intuições do amor verdadeiro. Mas dia virá em que teremos de nos libertar das sensações da carne.

A lei do amor apregoada no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, estimula-nos a sair do mundo das sombras para penetrarmos o mundo das idéias, das luzes e da sabedoria. Faz-nos ver que devemos sublimar os instintos materiais, transformando-os em sentimentos puros de amor. Além disso, transportar-nos para mundos felizes e celestiais, onde o bem predomina e a fraternidade é o farol luminoso de todas as nossas ações junto aos semelhantes.

Desapeguemo-nos dos instintos inferiores do Espírito e deixemo-nos mergulhar nesse sol interior, repetindo as palavras de João, o Evangelista: " meus filhinhos, amai-vos uns aos outros".

Abril/1997

O ANIMAL E A EMOÇÃO

Os animais têm emoção? É uma pergunta que dá o que pensar. Não resta dúvida que alguns animais como o cavalo, o macaco, o cachorro e o elefante possuem apreciáveis qualidades da inteligência. Além disso, são receptivos aos elogios e às repreensões. Gabriel Dellane no livro *A Evolução Anímica* mostra que o remorso, a justiça e a injustiça encontram-se em germe em todos os animais, podendo manifestar-se em ocasiões oportunas. Mas, daí afirmar-se que o animal possua emoção vai grande distância.

Emoção – do francês *émotion*, significa sentimento de pouco duração, reações afetivas intensas, perturbações violentas e passageiras de afetividade complexa e ligadas a **idéias**, sendo estas evocadas ou não por percepções (tais são a cólera, o medo, a alegria, a tristeza etc.). A **emoção** distingue-se da **afeição** e da **paixão**. Enquanto a **emoção** está ligada a idéias e a estados complexos do espírito, a **afeição** (agrado e desagrado) está diretamente ligada à simples sensação. Por outro lado, a **paixão** é uma atitude permanente do espírito e não uma rápida eferescência da afetividade como a emoção.

A emoção é conseqüência dos nossos automatismos exercitados nos vários reinos da natureza. o Espírito André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, diz-nos que nas linhas da civilização o reflexo precede o instinto, o instinto precede a atividade refletida, a atividade refletida precede a inteligência, a inteligência precede a razão e a razão precede a responsabilidade. Deduz-se que o princípio inteligente vai agregando potencialidades físicas e psicológicas para desabrochar-se integralmente na fase humana.

O equacionamento do problema está no grau das manifestações. A inteligência, o livre-arbítrio e o sentimento encontram-se limitados no reino animal. Enfatiza-se que a distância entre a alma do animal e a alma do homem é equivalente à distância entre a alma humana e Deus. O homem é dotado da capacidade de elaborar conceitos morais, enquanto o animal não. O animal limita-se, exclusivamente, à vida material.

Concentremos nossa atenção no processo de evolução do Espírito. O objetivo central do Espírito é o seu progresso moral e intelectual. O nosso tempo deve ser alocado racionalmente para o aprendizado de coisas úteis. Quanto às relações misteriosas existentes entre o homem e o animal, isso, está nos segredos de Deus, cujo conhecimento nada importa para o nosso adiantamento, e sobre o qual seria inútil nos determos.

Respeitemos nossos irmãos inferiores dentro de seus graus de evolução. Não queiramos transformá-los em seres pensantes e apaixonados. Esta é uma característica própria do reino hominal.

Fonte de Consulta

DELANNE, G. *Evolução Anímica*. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1988.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. 8. ed., São Paulo, FEESP, 1995.

XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz, 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Fevereiro/1996

FILOSOFIA ESPÍRITA

A **Filosofia**, presentemente, é uma atividade humana que procura direcionar o pensamento para a verdade das coisas. Ela implica na *crítica*, na *dúvida* e na *contradição*. Dentre as suas habilidades, destacamos a *análise*, a *avaliação*, a *argumentação* e a *reflexão*. Esta postura filosófica é importante, porque nos leva ao aprofundamento radical dos temas e questões levantados. Pode-se dizer, também, que a filosofia é o pensamento debruçado sobre si mesmo.

A **Filosofia Espírita**, pelo fato de ser filosofia, não pode fugir à conceituação da própria filosofia. Nesse sentido, a filosofia espírita é definida como o pensamento debruçado sobre si mesmo para a compreensão da realidade. No dizer de Gonzales Soriano, "É a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicados à investigação da verdade". A filosofia espírita apresenta-se, assim, como um delta de todo o processo histórico, uma síntese de tudo o que outros filósofos argumentaram, mas tendo as suas interpretações próprias, alicerçadas nos princípios doutrinários.

Praticar o Espiritismo não é provocar fenômenos, escutar os Espíritos ou mesmo desenvolver a mediunidade. A sua força não está no fenômeno, como muita gente pensa, mas na sua filosofia, na sua forma de interpretar o mundo e de analisar as questões relativas ao ser e ao pensamento. A filosofia espírita procura direcionar o nosso pensamento para a compreensão do ser existencial, colocado no mundo das formas, mas sem perder o elo de ligação com sua essência divina. Em outras palavras, estamos encarnados, mas a nossa essência pertence ao mundo espiritual, o verdadeiro mundo.

O Espiritismo é um processo lento que se formou ao longo do tempo. A idéia espírita sempre existiu no seio sociedade. Muitos outros pensadores já a tinham formulado. Allan Kardec, nos diversos volumes da *Revista Espírita*, remete-nos a Sócrates e Platão, ao Cristo, a Jean Reynaud

(escritor francês), a Santo Atanásio (cardeal da igreja de Grécia) e outros, como sendo precursores do Espiritismo. Coube, porém, ao gênio Allan Kardec juntar, organizar e codificar esses conhecimentos esparsos, para dar-lhes uma conotação científica. Observou o fenômeno, fez ilações filosóficas e tirou conclusões morais.

A Filosofia Espírita está assentada em *O Livro dos Espíritos*. Estudando-o, estaremos filosofando. Contudo, como o Espiritismo é – ao mesmo tempo – ciência, filosofia e religião, não podemos desprezar as outras obras da codificação, principalmente, os 12 volumes da *Revista Espírita*, que nos oferecem o registro minucioso das pesquisas realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. A Doutrina Espírita aí está. O nosso dever consiste em debruçar o pensamento sobre essas obras, para extrair delas o suco saboroso do conhecimento espírita.

O verdadeiro espírita deve ser um eterno combatente das opiniões pessoais, não só em si mesmo como nos outros. O Espiritismo está nos livros e é sobre o seu conteúdo que devemos edificar o nosso conhecimento doutrinário.

Fonte de Consulta

PIRES, J. H. *Introdução à Filosofia Espírita*. São Paulo: Paidéia, 1983.

Outubro/2004

REFLEXÕES SOBRE A PAZ

Paz – do latim *pax paxis* significa, genericamente, ausência de conflito. Na paz há uma dimensão *interna* e uma dimensão *externa*. Internamente, diz respeito aos aspectos psicológicos, regulamentados pela moral. Externamente, diz respeito à conciliação entre grupos ou países, regulamentados pelo direito internacional. No âmbito da "pesquisa sobre a paz", a paz é definida em função da guerra, por isso o par de termos "paz-guerra" ou "guerra-paz".

A história da humanidade retrata a história da guerra. Do "homem das cavernas" ao "homem informatizado", ocorreram diversas revoluções, guerras e revoltas. Paralelamente aos combates, os cientistas sociais, os filósofos e os religiosos têm procurado explicações para esse fenômeno. Uns falam que sem a guerra não teríamos atingido o estado do progresso econômico da atualidade; outros, os religiosos, que ela acabará somente quando o homem tiver vencido o egoísmo. Eis um dado assombroso: em 35 séculos tivemos apenas 268 anos de trégua. O terrorismo, depois do episódio de 11 de setembro de 2001, é a bola da vez.

As "pesquisas sobre a paz", que tiveram sua origem nos anos que antecederam a 2.^a grande guerra mundial, têm a incumbência de aplicar os

métodos de pesquisa das ciências sociais aos fenômenos da guerra. Nesse mister, Keneth E. Boulding, em seu livro *Paz Estável*, explica-nos o binômio "guerra-paz", comparando-o com o par "conflito-não-conflito". Ele parte da idéia de que as atividades humanas causam dois tipos de reação: conflito e não-conflito. O não-conflito gera sempre paz; o conflito pode se transformar em guerra ou em paz, dependendo dos interesses e tabus envolvidos na questão.

O Papa João XXIII, na sua Encíclica *Pacem in Terris*, estabeleceu um conceito positivo de paz. Para ele, a paz é um bem inestimável da sociedade, um ideal a ser atingido, uma vocação superior, uma espécie de renovação do ser humano. Entretanto, para que isso aconteça, o homem deverá domar o egoísmo e inserir-se vivência plena do amor, da justiça e da caridade. Assim, para que haja a verdadeira paz, os mais ricos devem ajudar os mais pobres, os mais inteligentes ensinar os menos inteligentes, os mais fortes amparem os menos fortes.

O Espírito Emmanuel, ardoroso colaborador da evolução espiritual do planeta terra, dá-nos algumas orientações evangélicas: diz-nos que podemos ser hostilizados pelos outros, mas nem por isso precisamos de seguir o nosso roteiro guerreando-os; sugere-nos uma retirada à parte, para meditar sobre o alcance do evangelho em nossas vidas; lembra-nos dos esforços constantes de mudança comportamental. Para ele, importa que diariamente nos apresentemos ao Senhor, livres de qualquer sentimento de ódio e de vingança para com o nosso próximo.

A paz é a aspiração máxima da humanidade. Disponhamo-nos a sacrificar a nossa comodidade, e ajudemos a implantar o reino de Deus nos corações que nos cercam. "A quem muito foi dado, muito será exigido e mais lhe será acrescentado". Não percamos de vista esta verdade fundamental.

Março/2004

Mediunidade

ATENÇÃO E ÊXTASE

O conhecimento do cérebro é ponto central para que possamos atingir o estado extático. É um órgão, com pouco mais de um quilo, que coordena todas as

nossas atividades, tanto interiores quanto exteriores. É voz corrente que utilizamos apenas 10% da sua capacidade. Por quê? Porque não nos damos ao trabalho de investigá-lo com profundidade. Fazendo-o, verificaremos que há os estados de **atenção, concentração, reflexão, meditação e êxtase**.

A **atenção** é a direção do espírito a um dado objeto. É passiva, isto é, quando se capta, não se interpõem idéias; deve-se ver, ouvir e sentir, sem juízo de valor. Somente depois de absorvida a informação, elabora-se a crítica. A **concentração**, por outro lado, é a fixação deliberada da mente no objeto da atenção. Ambas, contudo, dependem do interesse pelo objeto.

A atenção e a concentração vencidas, o espírito dirige-se à reflexão e à meditação. A **reflexão** é a volta racional da mente sobre o objeto da atenção, procurando conectar fatos e idéias. A **meditação**, por sua vez, vai além da reflexão, pois coloca-nos em contato com os aspectos mais gerais do ser. Implica, também, um esvaziamento da mente.

A meditação profunda pode conduzir-nos ao **êxtase**. Nesse estado, nossa mente, inteiramente desprendida dos interesses materiais, vê-se numa dimensão desconhecida, porém real, em que se comunica com as essências mais puras do conhecimento. Ainda assim, é preciso muito cuidado, pois a fascinação pode ofuscar o brilho da contemplação, emergindo, em contrapartida, os preconceitos que nos dominam.

O acaso não existe. Se nos conduzirmos de forma equilibrada, vamos absorvendo os conhecimentos superiores. A posse do saber implica em responsabilidade mas, também, liberdade. Liberdade, não no sentido de agir como se quer, porém, determinando-se de acordo com as leis naturais, as únicas que nos encaminharão para os verdadeiros valores da vida.

Tornarmo-nos "côncios" de nós mesmos auxilia o controle de nossas ações. Ações equilibradas provocam reações do mesmo teor. Assim, somente o encadeamento de atos corretos propiciará a plena serenidade do espírito.

Julho/1997

CÉREBRO E MEDIUNIDADE

O **cérebro** é apenas uma parte do sistema nervoso central – embora seja a mais complexa. Consiste de uma massa de tecidos nervosos que ocupa a maior parte do crânio e que desempenha, entre outras funções, a do raciocínio e a da linguagem. Tem a forma de um ovóide com a porção mais alargada voltada para trás. Pesa em média 1.100 gramas. O lado esquerdo do cérebro comanda o lado direito do corpo e o lado direito do cérebro comanda o lado

esquerdo do corpo. O lado esquerdo do cérebro é lógico enquanto o lado direito é intuitivo.

A **memória** é o registro no cérebro de acontecimentos da vida diária, de habilidades motoras, do significado de palavras, da linguagem etc. Lembramos amplamente dos acontecimentos recentes e reduzidamente dos acontecimentos passados. Os neurofisiologistas não descobriram uma única região cerebral que armazenasse toda a memória. Identificaram, porém, uma área envolvida pelo córtex que parece ser essencial para a fixação de lembranças permanentes: o *hipocampo*. É pela memória que voltamos a um acontecimento. Sem ela ficaríamos à deriva na vida. Por isso o provérbio que diz: "A memória é a carteira da velhice; é preciso enchê-la".

O **cérebro**, de acordo com o Espírito André Luiz, em *No Mundo Maior*, pode ser descrito como um castelo de três andares. O 1.º andar – **subconsciente** – é a "residência de nossos impulsos automáticos", simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados. O 2.º andar – **consciente** – é o "domínio das conquistas atuais", onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando. O 3.º andar – **superconsciente** – é a "casa das noções superiores", indicando as eminências de que nos cumpre atingir. Para que nossa mente prossiga na direção do alto, é indispensável o equilíbrio destas três zonas de nosso cérebro.

A **glândula pineal ou epífise**, um minúsculo cone de células nervosas situado acima da raiz do cérebro, é o elemento de ligação com o mundo espiritual. De acordo com André Luiz em *Missionários da Luz*, no exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão e de recepção de raios peculiares à nossa esfera. É nela, na epífise, que reside o sentido novo dos homens; entretanto, na grande maioria deles, a potência divina dorme embrionária.

A educação mediúnica reveste-se de substancial importância. Educar-se mediunicamente é encher o cérebro de informações para que os Espíritos possam melhor expressar as suas idéias. Os Espíritos, ao usarem o cérebro do médium, não tiram as idéias dos médiuns, mas o material que podem formalizar as idéias a serem transmitidas. Quer dizer, quanto mais recheado de bons pensamentos, de boa cultura, de bons hábitos, mais estaremos colaborando para uma perfeita comunicação mediúnica.

Ocupemos sadiamente as circunvoluções do nosso cérebro, a fim de sermos os verdadeiros arautos do senhor.

Fonte de Consulta

XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*, pelo Espírito André Luiz. 8. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1970.

XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*, pelo Espírito André Luiz. 7. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

Pesquisas de Conhecer. O Corpo Humano. São Paulo, Abril, 1985.

Março/1999.

CORPO HUMANO

Corpo é o composto orgânico pelo qual o homem, ser racional, afirma a sua presença no mundo material. *Acélula*, unidade morfológica e fisiológica da estrutura dos seres vivos, é considerada como a menor porção viva do organismo, vista somente depois de aumentada centenas de vezes pelo microscópio. A reunião de células formam os *tecidos*. Estes por sua vez se reúnem para formar os *órgãos*. A um conjunto de órgãos dá-se o nome de *sistema* ou *aparelho*. Os sistemas e os aparelhos formam finalmente o *organismo*.

O **corpo físico**, de acordo com Ary Lex em *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*, está submetido a três setores de comando: o sistema nervoso, as glândulas endócrinas e o Perispírito. O **sistema nervoso** compõe-se de dois conjuntos de órgãos: o *sistema nervoso da vida de relação ou cérebro-espinhal* e o *sistema nervoso da vida vegetativa, autônomo ou vago-simpático*. As **glândulas endócrinas ou de secreção interna**, em que a *hipófise* e a *epífise* são mais as ventiladas no meio espírita, lançam seus produtos, chamados hormônios diretamente no sangue. O **Perispírito ou corpo espiritual** é o que dá molde ao corpo físico, presidindo a sua formação

Um exército de nervos. Imagine um exército com milhões de soldados, todos eles diretamente subordinados a um comando central, com o qual estão em permanente contato mediante duas linhas de telefone: por uma o soldado informa e pela outra é informado. Na analogia com o corpo humano, cada soldado desse exército representa uma fibra muscular. A sede do comando é o *sistema nervoso central*. Por sua vez, a inextricável rede de fios telefônicos — por onde circulam informações e vozes de comando — seria semelhante a nosso *sistema nervoso periférico*.

O corpo humano divide-se em cabeça, tronco e membros. Contudo, é na **cabeça**, que está situado o motor dessa máquina humana: o *cérebro*. No cérebro estão registrados todos os nossos acontecimentos, quer bons ou ruins. No cérebro estão localizadas as duas principais glândulas endócrinas e que têm íntima relação com o mundo espiritual: *epífise* e *hipófise*. No cérebro estão situados os comandos de nossos movimentos, sendo que os movimentos da mão ocupam o maior espaço. A Ciência Natural, quando tenta explicar os meandros do cérebro, sente-se como um grão de areia ante a imensidão do universo.

Há possibilidade de separar o corpo do Espírito? E do Perispírito? Em pensamento sim, mas na prática, os três formam uma unidade. Nesse sentido, se não prestarmos a devida atenção, acabaremos cometendo o erro de separar um do outro. Observe a resposta que geralmente se dá à pergunta: "Que livro

“você está lendo?” — “Estou lendo o *Nosso Lar* pelo Espírito de André Luiz. Note que o correto seria dizer pelo Espírito André Luiz, sem a preposição **de**, pois esta preposição separa o Espírito do corpo físico e do Perispírito.

Refletamos sobre o corpo físico: o que passa real e precisamente quando coloco o meu corpo em silêncio, meus sentidos em repouso? Qual é o estatuto do meu pensamento interior?

Fonte de Consulta

LEX, A. *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*. São Paulo, FEESP, 1993.

DUARTE, J. C. *O Corpo Humano*. São Paulo, Editora Nacional, 1971.

O Corpo Humano. São Paulo, Abril, 1985. (Pesquisas Conhecer).

Março/1999

FENÔMENO MEDIÚNICO, MEDIUNIDADE E ESPIRITISMO

Fenômeno mediúnico é o ato mecânico da manifestação mediúnica. Refere-se tanto às formas incipientes de mediunidade (mediunismo) quanto às mais avançadas, em que predominam a razão e o bom senso. O intercâmbio entre o mundo dos encarnados e o mundo dos desencarnados não é privilégio do Espiritismo. Vemo-lo no Catolicismo, no Protestantismo, no Budismo etc.

Mediunidade é a positivação do fenômeno mediúnico. Seu exercício está preso ao estudo e à crítica das diversas manifestações. O termo “mediunidade com Jesus e mediunidade sem Jesus” exige profunda reflexão. A mediunidade com Jesus refere-se à moralização e à evangelização do médium, de acordo com os padrões estabelecidos por Jesus; a mediunidade sem Jesus, ao desleixo e à negligência no trato com os Espíritos. Conclui-se que na primeira teremos comunicações sérias; na segunda, frívolas.

O **Espiritismo**, embora se utilize do fenômeno mediúnico e da mediunidade, situa-se além de ambos. Seus princípios doutrinários fundamentam o relacionamento conosco mesmos, com o nosso próximo, com os Espíritos que nos rodeiam e com o Ser transcendental que nos criou. Caracterizando-se como libertador de consciências, deixa-nos um rastro de luz para entendermos e respeitarmos as peculiaridades de cada habitante deste orbe.

A distinção terminológica que ora encetamos tem seu mérito: auxilia-nos a analisar os limites do fenômeno e da mediunidade com relação ao Espiritismo. Tomando consciência dessas sutilezas, podemos freqüentar sessões de materializações, de doutrinações, de desenvolvimento mediúnico e outras, sem as confundir com a Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec. Além do mais, saberemos separar o “recebimento de Espírito” do “desenvolvimento mediúnico” propriamente dito.

Desenvolver a mediunidade é ampliar a nossa capacidade de intermediação dos Espíritos superiores. Muitas vezes somos médiuns sem o percebermos. Nesse sentido, a mente alerta, o estudo sério e a vida regrada muito auxiliam para atingirmos tal propósito. Por outro lado, **receber Espíritos** não significa necessariamente desenvolver a mediunidade. Pode simplesmente representar o ato mediúnico, sem análise e sem crítica. Por isso, há que se ter cuidado nos exercícios de prática mediúnica.

O aprofundamento doutrinário do Espiritismo é de suma importância para os espíritas. Nele, distinguiremos as sutilezas terminológicas, que muito nos ajudam na captação das vibrações mais puras de nossa esfera.

Abril/1999

FIXAÇÃO MENTAL

Monoideísmo estado patológico caracterizado pela tendência de uma pessoa retornar sempre em seu pensamento em sua palavra a um só tema. É a **idéia fixa**, ou o estado de consciência mórbida, que se caracteriza pela persistência de uma idéia, que nem o curso normal das idéias, nem a vontade conseguem dissipar.

Vingança, desespero, paixões e desânimo são algumas das causas da fixação mental. Nosso cérebro funciona à semelhança de um dínamo. Dado o primeiro estímulo, interno ou externo, o que passa a contar é a manutenção de nosso pensamento num mesmo teor de idéia. Quanto mais tempo permaneceremos num assunto, mais as imagens do tema se cristalizarão em nosso halo mental.

A **imobilização** da alma é um problema concreto. É que as horas correm invariáveis no relógio, mas têm graduações diferentes em nossa mente. Se alegres, voam; se tristes, parecem paradas. Os ponteiros assinalam o mesmo horário para todos, entretanto, o tempo é leve para os que venceram a si mesmos e pesado para os que se chafurdam no crime.

O **fenômeno da sugestão mental** é oportuno. Emitindo uma idéia, passamos a refletir as

que se lhe assemelha. Nesse sentido, somos herdeiros dos reflexos de nossas experiências anteriores, porém, com a capacidade de alterar-lhe a direção. Acionando a alavanca da vontade, poderemos traçar novos rumos para a libertação de nosso espírito.

Vigilância e oração atenuam as vicissitudes da senda regenerativa. Através delas, pomos-nos em sintonia conosco mesmos, tornando-nos cada dia mais auto-conscientes. Percebendo claramente nossas reações do cotidiano,

criamos condições para nos avaliarmos e conseqüentemente substituir os automatismos negativos pelos positivos.

Monoideísmo é uma questão de atitude assumida. Melhoremos o teor energético de nosso pensamento e deixemos que a lei do campo mental se encarregue de colher os efeitos nas individualidades alheias.

Julho/1997

MEDITAÇÃO

atenção, concentração, reflexão e meditação são alguns dos estados da mente que caracterizam a boa relação entre o "observador" e a "coisa observada". Na **atenção** devemos estar passivos; na **concentração** e **reflexão**, ativos. A **meditação**, por sua vez, é um estado de alma de completo percebimento de nós mesmos. Ultrapassa a reflexão, pois enquanto aquela é uma volta sobre si mesmo, esta vai em busca dos aspectos mais gerais do ser.

Na vida, estamos sempre à procura de alguém que nos ensine como fazer. A meditação é um estado de percebimento interior que não comporta técnica. À medida que usamos este ou aquele método, mecanizamos nossa mente e nos tornamos incapazes de descobrir a verdade. Nesse sentido, devemos ter cuidado de não transformarmos nossas confusões, num método. Pois, uma vez estabelecida a teoria, o conhecimento que se exercita, tem o caráter "verdadeiro", porém, em realidade, "falso".

A meditação é um esvaziamento de nossa mente. Estamos constantemente remoendo o passado, ou, temendo o futuro. Presos às superstições, dogmas e rituais, temos dificuldade de conceber o novo, ou seja, somos facilmente sugestionados pelo que ouvimos, lemos ou experimentamos. Libertar a mente de todos esses condicionamentos é ponto central da meditação autêntica. Para tanto, não devemos impor um método específico, porque entravaríamos a livre busca da verdade. O ideal é estarmos "côncios".

Idéias movem o mundo. Nossos atos, por mais simples que sejam, são reflexos do estoque de conhecimento adquirido. Nossa tarefa consiste na elevação dos sentimentos, a fim de melhor captar as boas idéias disseminadas no espaço. A colocação correta do problema traz implícito a solução correta. O empenho, tornando-se hábito, gera um fluxo energético positivo, que nos encaminha adequadamente para o cumprimento de nossos deveres.

A base concreta da meditação está na plenitude do ser, isto é, na totalidade de nossa existência. Para tanto, há que se operar uma revolução radical em nós mesmos. De nada adianta quereremos transformar a sociedade, se intimamente estamos desequilibrados. Se o "nós" é uma soma dos "eus", convém melhorarmos os "eus" para termos o "nós" mais perfeito. Por isso, a

conscientização de nossa limitação e potencialidade ajuda-nos a tomar decisões mais racionais no seio da sociedade.

Meditação é, essencialmente, aprofundamento. Tenhamos a disposição de investigar com interesse e entusiasmo, a fim de penetrarmos no âmago do conhecimento verdadeiro. De superficialidade, estamos repletos.

Julho/1997

MEDIUNIDADE

Mediunidade - do lat. *mediumnidade* - é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre os homens e os Espíritos. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com suas vibrações psíquicas e afetivas.

Os fatos mediúnicos não são fenômenos de nossos dias. Eles sempre existiram. J. H. Pires, no livro *O Espírito e o Tempo*, relata-nos o processo histórico de tais fatos, começando pelo mediunismo primitivo, passando pelo mediunismo oracular e profético, até atingir a mediunidade positiva, com a codificação do Espiritismo por Allan Kardec, no Século XIX. A mediunidade diz-se positiva, porque Allan Kardec utilizou-se do método teórico-experimental, portanto racional e científico.

O codificador do Espiritismo, para efeito didático, dividiu a mediunidade em duas grandes áreas: quanto ao **fenômeno** e quanto ao **aspecto funcional**. Subdividiu o fenômeno em **efeitos físicos** e em **efeitos inteligentes**; o aspecto funcional, em **mediunidade natural** e em **mediunidade de prova**. A percepção clara dessas distinções terminológicas auxiliar-nos-ão a compreender melhor toda a fenomenologia espírita, diferenciando-a de outras doutrinas espiritualistas e dos diversos sincretismos religiosos.

Todos somos médiuns. Allan Kardec, no cap. XIV de *O Livro dos Médiuns*, afirma que toda a pessoa é médium, pois todos somos passíveis de receber as influências dos Espíritos. Contudo, na prática, são considerados médiuns somente aqueles que têm uma constituição orgânica própria para o exercício da mediunidade, quando se desenvolvem nestes a psicografia, a psicofonia, a vidência etc.

O **fenômeno mediúnico**, a **mediunidade** e o **Espiritismo** são termos distintos que se relacionam entre si. O fenômeno mediúnico diz respeito ao mediunismo, ou seja, às formas incipientes do intercâmbio mediúnico; a mediunidade é a comunicação mediúnica passada pelo crivo da razão e da metodologia científica; o Espiritismo é uma doutrina filosófica e científica de conseqüências morais. Kardec utilizou-se do fenômeno mediúnico e da mediunidade como **meio** para atingir um **fim**: a codificação dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Exercitemos a nossa mediunidade, tanto de efeitos físicos como de efeitos inteligentes, natural ou de prova, mas não nos esqueçamos de nos ajustar aos preceitos morais que daí dimanam.

Julho/1996

UNIVERSO E COMUNICAÇÃO COM OS EXTRATERRESTRES

O texto evangélico nos diz que "Há muitas moradas na Casa do Pai". O que são as várias moradas? Poderíamos nos deslocar até elas? Há possibilidade de comunicação entre os seres das diversas moradas? Onde estão localizadas essas moradas? Há vida no planeta Marte? E em Júpiter? O planeta Júpiter é mais evoluído que o planeta Marte? Eis algumas das muitas questões levantadas para o início de nossa reflexão.

Os astrônomos, valendo-se de seus instrumentos tecnológicos, fornecem-nos subsídios valiosos para o entendimento dessa questão. Eles nos dizem que o universo surgiu há 15 bilhões de anos, através do *big bang*, e que não foi exatamente uma explosão. Fala-se de explosão, porque o universo teve um começo, e porque, partindo-se de um único princípio, facilita-nos a compreensão dos diversos mundos, pois as galáxias, as estrelas, os planetas, a matéria inerte e os seres vivos, tudo o que é universo é formado pelos mesmos elementos.

Para que haja vida material em outros planetas, as temperaturas devem ser equivalentes às do planeta Terra, pois se forem muito quentes – como Vênus e Mercúrio –, ou muito frias – como Saturno e Júpiter –, não haverá nenhuma possibilidade. A vida, assim, só pode existir em planetas de outros sistemas solares. As afirmativas de que os habitantes do Planeta Marte são superiores aos do Planeta Terra não são verídicas do ponto de vista material. Se, porém, pensarmos em corpos físicos compostos de outra densidade, quem sabe não conseguiríamos êxito nessa explicação?

Aceitando-se a tese de que haja vida em outros planetas, poderia o ser humano comunicar-se com os extraterrestres? Tecnicamente há muita dificuldade. Observe que as distâncias são imensas entre uma galáxia e outra. Decorreriam vários anos para a mensagem chegar até aqui e outro tanto para voltar a resposta. Ainda: será que conseguiríamos entender o conteúdo da comunicação de um Espírito superior a nós? Ou, mesmo se quisermos nos comunicar com um mundo mais atrasado, será que os seus habitantes nos entenderiam?

Há possibilidade de discos voadores, vindo de outros mundos, pousar em nossa superfície? Temos condições de nos deslocarmos, fisicamente, para orbes mais evoluídos? A tecnologia do planeta Terra ainda não comporta tal ação. Agora, não há nada de mais supomos que habitantes de planetas mais

evoluídos possam nos visitar. Contudo, cientificamente falando, ainda não temos uma prova cabal de que isso tenha acontecido. A maioria dos relatos é especulação, visão de algumas pessoas, mas sem uma prova que mereça o aval da ciência.

Este tema lembra-nos da descoberta de Copérnico que, mesmo afirmando que a Terra gira em torno do Sol, continuou com os pés no chão. Estamos num mundo de provas e expiações. É sobre este fato que devemos organizar o nosso pensamento.

Fonte de Consulta

CLARKE, ROBERT. *Do Universo ao Homem*. Lisboa: Edições 70, 1986

Maio/2003

Pena de Morte

GENEALOGIA DA PENA DE MORTE

A **pena de morte**, grave problema ligado à conceituação dos direitos humanos, existe há muito tempo. O Código de Hamurabi (1750 a.C.) e o Código Draconiano da Grécia Antiga são suficientes para mostrar que a morte era o castigo indicado para diversos crimes cometidos naquela época.

No **âmbito do Velho Testamento**, há prescrição de morte para mais de 30 tipos diferentes de crime, desde o assassinato até a fornicação. O "Levítico", terceiro livro do "Pentateuco", relaciona as faltas pelas quais se deveria apedrejar ou decapitar os culpados; o povo judeu, aliás, desde os tempos de sua formação castigava com morte a idolatria, a infidelidade, a pederastia e o homicídio. Moisés, por exemplo, provocou uma verdadeira hecatombe, ao tomar conhecimento do culto ao Bezerro de Ouro.

A **dimensão do Novo Testamento** é visualizada pela presença de Jesus, o arauto da Boa Nova, e como tal, combatente da pena de morte. Isso, contudo, não o eximiu de morrer na cruz, em virtude de sua condenação pelos doutores da lei. Quer dizer, o Novo Testamento não corrige legalmente essas normas jurídicas. O que faz é destacar um novo **espírito de caridade e amor** que deve

levar à superação de toda a vingança e de todo o castigo. Enfim, Jesus contrapõe à lei do talião o amor pelos inimigos.

A Idade Média foi pródiga em execuções: delinqüentes comuns eram executados na roda ou por enforcamento, hereges queimados vivos, nobres e militares decapitados e criminosos políticos esquartejados.

A *Inquisição* eliminava todo aquele que representasse um perigo para a manutenção de sua instituição. Realmente, um período negro de nossa história, em que a crítica e a reflexão filosófica ficaram obscurecidas, cedendo lugar às injunções do absolutismo estatal.

A Idade Contemporânea é caracterizada pela presença de diversos filósofos e pensadores. Montesquieu e Voltaire (e com este os enciclopedistas) condenaram a tortura e os julgamentos sumários. Cesare Beccaria, humanista italiano, no livro "Dos Direitos e das Penas" (1764), pede simplesmente a anulação da pena de morte, por considerá-la bárbara e inútil. As idéias de Beccaria frutificaram lentamente. Hoje, apesar de muitos países adotarem a pena de morte, reflete-se mais criticamente sobre a legitimidade desse tipo de condenação.

Esse pequeno esboço histórico mostra que o problema da pena de morte é um problema de evolução do ser humano. Seria ingenuidade colocar como norma jurídica o amor pregado por Jesus. Este necessita de ser potencializado em cada um de nós. Somente assim, cresceremos equilibradamente.

Fonte de Consulta

IDÍGORAS, J. L., Padre, S. j. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

EDIPE - ENCICLOPÉDIA DIDÁTICA DE INFORMAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL. 3. Ed., São Paulo, Iracema Ltda, 1987.

Fevereiro/1997

PENA DE MORTE E BEM COMUM

O **Estado**, em toda a sociedade politicamente organizada, é um órgão de controle e de coordenação revestido de autoridade, destinado a conciliar as inclinações e os propósitos dos indivíduos com as exigências e as solicitações do *bem comum*. Assim, os homens públicos revestidos de autoridade, devem cercear os interesses privados, quando estes sobrepõem ao interesse público ou coletivo. Em sua essência, o Estado procura oferecer a maior felicidade para um maior número de pessoas.

O **Estado** e o **Direito** são duas realidades que se inter-relacionam. O Estado é uma organização destinada a manter, pela aplicação do Direito, as condições universais de ordem social. O Direito é o conjunto das condições existenciais

da sociedade, que ao Estado cumpre assegurar. Do Direito temos as normas que, baseadas num consenso de justiça, são catalogadas e obedecidas pela população do referido Estado. Entre tais leis há aquelas referidas ao Direito Penal que, através de "castigos", procuram coibir o erro no sentido de evitar que se cometam novamente o mesmo delito.

Será a pena de morte uma pena justa? Há muita contradição com relação a este tema. Uns acham que ela deve ser usada, pois a sociedade não deve sustentar os facínoras. Há outros que advogam que só Deus pode tirar a vida de um ser humano. De modo que ao longo do tempo a humanidade foi aprendendo a conviver com esse tipo de punição. Mas, será que esse tipo de punição atinge o *bem comum*, apregoado nos objetivos do Estado? Esta é a grande questão concernente à pena de morte.

O que se entende por *bem comum*? Quem melhor o definiu foi o Papa João XXIII, nos seguintes dizeres: "O Bem comum consiste no conjunto de todas as condições da vida social que consintam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana". Será que eliminando um ser humano nós estaremos contribuindo para a o desenvolvimento integral de sua personalidade? Do ponto de vista material, resolvemos o problema de custo nas prisões e de nova incidência no mesmo crime. E do ponto de vista da perfectibilidade daquele espírito encarnado?

Concebendo o ser humano numa dimensão trinária - Espírito, perispírito e corpo físico – e, colocando-o no âmbito da interexistência, veremos que a pena de morte apenas elimina o problema sem lhe dar a devida solução. Portanto, ela não atinge o *bem comum*, pois a sociedade veta-lhe a oportunidade de obter a sua perfeição. O Espírito deve ser reeducado, porque em passando para o mundo dos Espíritos, continuará sendo o mesmo delinqüente. Lembremo-nos de que se não tiver uma estrutura psíquica equilibrada, poderá obsedar aqueles que lhe tiraram a vida.

Tenhamos em mente a Sapiência, a Mente Divina, o Logos, o Pensamento Divino. Somente assim estaremos veiculando as nossas idéias com equilíbrio e moderação e, com isso, auxiliando na obtenção do Bem Comum.

Novembro/2002

PENA DE MORTE E HOMICÍDIO

Cientistas sociais do mundo todo vêm se preocupando com a pena de morte. Nos Estados Unidos, país que mais aplica essa alternativa, há estudos estatísticos relacionando os efeitos da *pena de morte* sobre os índices de *homicídios* em uma sociedade. A **inibição** e a **brutalização** são as suas hipóteses de trabalho. Na primeira, querem verificar se o risco da execução induz os possíveis assassinos a desistirem do crime pelo receio do castigo; na segunda, se a convicção da condenação leva certas pessoas a considerá-la uma atraente alternativa ao suicídio.

Esses cientistas, nos Estados Unidos, para comprovar uma das duas teorias, utilizaram dois métodos de pesquisa: o **método comparativo** e o **método de análise por série temporal**. No método comparativo, tentam controlar as demais variáveis analisando os Estados vizinhos, com e sem pena de morte. No método de análise por série de tempo, estudam um só Estado ao longo de períodos extensos, no sentido de observarem a variação dos homicídios no momento em que eles adotam a pena de morte e deixam de utilizá-la. Os resultados a que chegaram são insuficientes para determinar com segurança se uma das teorias é correta.

O resultado inconclusivo das pesquisas revela a enorme dificuldade, de ordem metodológica, em se isolar a variável pena de morte das outras que afetam as taxas de criminalidade, como desempenho econômico, fatores demográficos, índices de urbanização, características histórico-culturais e graus de qualidade dos agentes impositores da lei.

A questão é de fundo e não de forma. Os números estatísticos mostram os efeitos. Mas a causa da criminalidade fica obscura. Somente um estudo acurado da personalidade humana pode oferecer-nos uma pista segura ao entendimento da questão. Nesse sentido, a crença na existência e preexistência da alma tem grande peso. Pela teoria da reencarnação, o criminoso é um ser que traz dentro de si uma **tendência ao crime**. E é essa tendência (causa) que deve ser modificada, a fim de eliminar o efeito.

O mundo é violento porque somos violentos. E há maior violência do que matar alguém legalmente? Não é a Lei de talião, da Antigüidade, com outra roupagem? Precisamos repensar os critérios de justiça aplicados aos delinqüentes. Se a justiça estiver sendo demasiadamente influenciada pelos usos e costumes da atualidade, dificilmente teremos condições de vislumbrar os matizes de uma justiça mais excelsa e divina.

O binômio *pena de morte-homicídio* somente terá uma solução satisfatória quando a humanidade atingir um estado de perfeição mais evoluído. Nesse novo *status quo*, cada indivíduo responsabilizar-se-á por si mesmo, eliminando naturalmente a causa que engendra os crimes hediondos.

Fonte de Consulta

Folha de São Paulo, 31/10/93, pág. 1-9.

Fevereiro/97

PENA DE MORTE E ESPIRITISMO

A **pena de morte**, punição máxima imposta pelo Estado aos crimes considerados hediondos, foi instituída com a finalidade de eliminar o delinqüente da sociedade.

Registros históricos da Antigüidade contêm evidências da pena de morte. Foi mencionada no Código de Hamurabi (1750 BC). A Bíblia prescreve a morte como castigo para mais de 30 crimes diferentes, desde assassinato até a fornicação. O Código Draconiano da Grécia Antiga impunha a pena capital para toda a ofensa. A pena de morte sempre esteve presente nas discussões sobre a justiça. Nesse sentido, cada país instituiu-a ou deixou de instituí-la, de acordo com a concepção de punição adotada. Atualmente, é dos Estados Unidos que nos chegam a maioria dos casos de condenação à morte.

A pena de morte é uma das mais controvertidas questões dos nossos dias, ou seja, a de saber se a sociedade tem o direito de privar da vida um criminoso. Entre os argumentos a favor, citam-se: há crimes tão hediondos que só a morte resolve; a sociedade não deve trabalhar para sustentar os facínoras; só a pena de morte tem valor exemplativo bastante para coibir a brutalidade humana. Entre os argumentos contra, citam-se: ninguém tem o direito de privar o outro da vida; a prisão perpétua tem suficiente poder de coerção da criminalidade, oferecendo, além disto, a vantagem da plena recuperação do criminoso.

O Espírito Irmão X, no capítulo 21 do livro *Cartas e Crônicas*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, tece alguns comentários sobre o assunto, baseando-se na avaliação dos Espíritos desencarnados. Diz-nos, que para os que estão além-túmulo, o problema de subtrair o corpo ao Espírito que se fez criminoso é contra a lei natural, no sentido de que a execução de uma sentença de morte, na maioria dos casos, é a libertação prematura da alma que se arrojou ao despenhadeiro da sombra. Lembra-nos, ainda, que um assassinado quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecer-la, habitualmente passa a obsidiar aqueles que lhe arrancaram a vida, transformando-se em quisto vivo de fermentação da discórdia e da indisciplina.

A **reeducação do delinqüente** deve ser incentivada. Se locupletássemos as nossas prisões com livros educativos, palestras edificantes e tratamentos específicos da personalidade humana, estaríamos contribuindo eficazmente para a solução da questão criminal. Como educar com êxito tirando a vida do malfeitor? É preciso que ele fique no "campo das causas", a fim de melhor refletir sobre a sua condição. Com isso adquirirá forças psicológicas suficientes para enfrentar as provações que o esperam. E quanto mais tempo permanecer no "campo das causas", mais oportunidades terá de consertar e reajustar, melhorando as conseqüências

.

Lembre-mos de que o progresso é inexorável. Cuidemos, pois, de não subtrair a vida de um criminoso. Há sempre a possibilidade de o indivíduo, mesmo confinado numa prisão, ser despertado pelos atos de fraternidade de seus semelhantes.

Reflexos

CONCEITO DE REFLEXO

Reflexo - do lat. *reflexu* "voltado para trás", "revirado", "retorcido". É a mais simples forma de reação do organismo. Os reflexos se produzem graças ao sistema nervoso de que são providos os animais. Apresentam as seguintes características: 1º) **fatalidade**, isto é, dado o estímulo, o reflexo se desencadeia como uma resposta; 2º) **ausência de automatismo**: não havendo um agente provocador, o reflexo por si só, não se produz; 3º) **não intervenção da vontade**, isto é, como não atingem os centros nervosos superiores, os reflexos não estão sob o domínio de funções psíquicas elevadas.

A palavra **reflexo**, em si, é um aborrecimento para muitos principalmente porque evoca a idéia de **reflexão consciente**, ao passo que na realidade a idéia que representa é precisamente oposta a essa. Além disso, há um abuso desta palavra. Fala-se de "reflexos sociais" para designar as reações automáticas das sociedades; de "reflexos simbólicos" para definir a linguagem; de "reflexos pessoais" para caracterizar a arte. Pretende-se com isso anunciar que todas essas manifestações psíquicas são algo de mecânico e de determinado.

Reflexos Congênitos ou Incondicionados são aqueles com que o indivíduo nasce: consistem em respostas naturais do organismo, diante de determinados estímulos (assim a salivação, provocada pelo odor ou vista de um alimento). De acordo com o Espírito André Luiz, são os chamados protetores, alimentares, posturais e sexuais, detentores de vias nervosas próprias, como que hauridos da espécie, seguros e estáveis, sem necessidade do córtex.

Reflexos Adquiridos ou Condicionados são respostas adquiridas e fixadas sob a influência de um excitante novo e sobreposto ao excitante primitivo e habitual, que é depois conseqüentemente substituído por aquele. Pavlov, fisiólogo russo, provocou salivação em cães, como resposta ao som de uma campainha: isso foi possível, porque previamente o som da campainha tinha sido associado à apresentação do alimento. O alimento é um estímulo incondicional, a campainha é um estímulo condicional, e a associação repetida destes dois estímulos provocou um condicionamento. Para que um reflexo condicionado se mantenha é necessário ser reforçado por novas apresentações simultâneas do excitante primitivo e do excitante condicional.

A partir do reflexo condicionado que provocava no cão, Pavlov desenvolveu os mecanismos do **condicionamento**. "Analisadores corticais", que podemos

situar no cérebro, selecionam certas passagens para as reações-reflexo. Quando estas passagens são utilizadas freqüentemente pelo influxo nervoso, surge um "trilho": o caminho é cada vez mais fácil de seguir pelo influxo. É assim que se formam os hábitos. As descobertas de Pavlov foram utilizadas como armas de guerras de diversos países, na famosa "lavagem cerebral". A publicidade comercial baseia-se nesses mesmos mecanismos de condicionamento.

Os reflexos psíquicos são uma decorrência do reflexo condicionado. Nesse sentido, útil se torna refletirmos sobre nós mesmos, a fim de não sermos tragados pelo influxo geral da sociedade.

Novembro/1997

GENEALOGIA DO REFLEXO CONDICIONADO

A procura das origens é algo que inquieta o ser humano. Tencionando obter informações sobre a origem da religião, buscamos o clã totêmico; da filosofia, as idéias de Sócrates, Platão e Aristóteles; da medicina, os pensamentos de Hipócrates. A história do reflexo está ligada quer às origens do estudo experimental do comportamento, quer à formação da fisiologia nervosa. Nesse sentido, em se tratando dos **reflexos** muitos são os "pais" da idéia, dependendo do conceito próprio de reflexo de cada historiador em questão.

René Descartes (1596-1650), com a sua teoria dos espíritos animais, é apontado por muitos como o iniciador do desenvolvimento do conceito como princípio explicativo dos movimentos musculares. Os espíritos animais, para Descartes, eram o resultado de transformação do sangue aquecido pelo coração. O processo de destilação e volitização, muito gradual, tem como origem e fim o sistema nervoso central. Há controvérsia, porque Canguilhem demonstra que a teoria cartesiana é incontestavelmente uma "teoria mecanicista, mas não é a teoria do reflexo": ela trata apenas das respostas involuntárias. Galeno (131-200 d. C.), por exemplo, não tratou do assunto em termos filosóficos, mas experimentalmente e usava a técnica da vivisseção. Note que Thomas Willis contrariou também a teoria de que os reflexos começam no coração. Para ele, são produzidos no encéfalo e mais exatamente no cérebro e cerebelo, mas não no coração.

Giovanni Alfonso Borelli (1608-1679), cujo nome está ligado à escola iatromecânica, merece menção neste escorço histórico. Segundo esta escola, a explicação do movimento nos animais e no homem deve ser procurada nas leis da mecânica e da matemática. Ele substituiu os "espíritos" de Descartes e de Willis, por um líquido nervoso, **succus nerveus**, que corre através das fibras nervosas. Depois de Borelli, surgem Von Haller (1708-1777) com a sua teoria da irritabilidade, Robert Whytt (1714-1766), o primeiro a falar da ação reflexa em harmonia com os dados experimentais e Marshall Hall (1790-1857) apresentando uma rigorosa distinção entre os movimentos voluntários e involuntários.

Ivã Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, ficou famoso pela descoberta dos reflexos condicionados ou da reação condicionada. A sua teoria dos reflexos condicionados é extraída dos experimentos que fizera com os cães. Profundo conhecedor das glândulas e suas secreções, resolve por em prática o conteúdo dos seus conceitos. Para isso, amarra um cão, isola-o de todo o barulho externo, e dá-lhe uma substância sialogênica; ao mesmo tempo, faz retinir um som, por exemplo, o de uma campainha. Depois de várias repetições, suspende a substância sialôgenica, permanecendo tão somente com o som da campainha. Resultado: o cão, sem o estímulo inicial, emite suco gástrico, associando-o apenas ao som da campainha.

Depois de Pavlov, surgiram: Bechterew (1857-1927), que sublinha as diferenças entre seus estudos e os de Pavlov, embora o método seguido seja essencialmente o mesmo: a substituição de um estímulo eliciador natural por um novo estímulo — a descarga elétrica na planta do pé; Edward L. Thorndike (1874-1949) que estudara o processo associativo nos animais, chegando à conclusão dos componentes globais, ao contrário de Pavlov, que eram parciais; Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), que utiliza os resultados de Pavlov e Thorndike, no sentido de procurar a mesma ordem encontrada por Pavlov, porém entre os estímulos e o comportamento do órgão como um todo.

A história mostra-nos a sucessão dos enfoques teóricos-práticos, baseados nas observações e experiências de cada cientista. Esperamos que todos esses esforços possam ser úteis para darmos mais importância à nossa massa encefálica.

Fonte de Consulta

PESSOTTI, I. *Pré-História do Condicionamento*. São Paulo, Hucitec, 1976.

Novembro/1997

PAVLOV E OS REFLEXOS CONDICIONADOS

Reflexo - do lat. *reflexu* significa "voltado para trás", "revirado", "retorcido". Na **Fisiologia**, resposta de um órgão efector (músculo ou glândula), resultado da estimulação de receptores ou das vias nervosas que lhes correspondem. Este tema vem sendo estudado desde longa data. Há considerações eminentemente teóricas, como o é o caso de Descartes e a sua teoria dos espíritos animais, e aquelas que se dispõem a uma comprovação científica, como é o caso de Pavlov e a sua teoria dos reflexos condicionados.

Ivã Petrovich Pavlov (1849-1936), nasceu em Riazan, e foi educado na Universidade de S. Petesburgo e na Academia Militar de Medicina. Recebeu marcante influência de seus professores, principalmente no tocante à "experimentação" científica. Pavlov é reconhecido pelos seus trabalhos pioneiros na fisiologia do coração, sistema nervoso e sistema digestivo. Seus experimentos mais famosos começaram em 1889, demonstrando os reflexos

condicionados e incondicionados nos cães, e eles influenciaram o desenvolvimento da fisiologia orientando as teorias psicológicas do comportamento durante os primeiros anos do século XX.

Pavlov, como fisiologista, esteve por muito tempo interessado nas glândulas e suas secreções. Por esta razão e porque as reações glandulares são facilmente medidas, as primeiras reações condicionadas são glandulares, mais precisamente as glândulas salivares, por serem universalmente usadas. Ele faz as suas experiências dentro de rigoroso controle das condições: amarra um cão, isola-o de todos os barulhos externos, e dá-lhe uma substância sialogênica para produzir ensalivação; ao mesmo tempo, faz retinir um som, por exemplo, o de uma campainha. Depois de várias repetições, suspende a substância sialogênica, permanecendo tão somente com o som da campainha. Resultado: o cão, sem o estímulo inicial, emite suco gástrico, associando-o apenas ao som da campainha.

Os resultados descritos por Pavlov acerca da reação condicionada sofreu inúmeras críticas. A mais comum é a da afirmação de que os dois estímulos, o alimento e a campainha, tornaram-se associados. Tal interpretação é um grave erro. É a reação que se associou com o estímulo, e não os estímulos que se associaram entre si. Uma outra objeção é a de que a técnica de Pavlov ignora uma das duas respostas, a resposta original à campainha. Se o cão, antes do experimento, reage à campainha movendo a sua cabeça, esta reação indubitavelmente torna-se condicionada ao ácido, justamente como a salivação faz à campainha.

Os reflexos condicionados de tal maneira tornaram-se famosos, que as pessoas ligadas ao marketing usam-no de forma exaustiva em suas propagandas televisivas. Muitos psicólogos sociais transformam-no no que eles chamam de reflexos de compra. Nesse sentido, dizem que há o consumidor racional, aquele que age movido por uma ação refletida, e o consumidor irracional, aquele que age irrefletidamente. Neste último, o apelo à compra é mais fácil de ser conseguido.

Pavlov emprestou enorme contribuição à compreensão dos reflexos condicionados. Cabe-nos aplicá-lo em nosso dia-a-dia, principalmente no que tange aos reflexos psíquicos.

Fonte de Consulta

SHAFFER, L. F. *The Psychology of Adjustment: An Objective Approach to Mental*

Hygiene. USA, Houghton Mifflin, 1936.

Novembro/1997

REFLEXOS CONDICIONADOS E MUDANÇA COMPORTAMENTAL

O estudo dos reflexos condicionados leva-nos a uma reflexão sobre as nossas atitudes. A **atitude** pode ser definida como uma maneira peculiar de reagir aos acontecimentos. Ela forma-se, toma força, estrutura-se e, sem o percebermos, todas as nossas reações acabam transformando-se em respostas automáticas aos estímulos oferecidos. Se, por um acaso, quisermos mudar a resposta, achamo-nos em erro e desistimos incontinentemente.

A formação das atitudes pode ser feita de três maneiras: a) princípio de **associação**; b) princípio de **transferência**; c) princípio de **satisfação de necessidade**. Na realidade, os componentes formadores das atitudes podem ser "pensamentos", "crenças", "sentimentos ou emoções" e "tendência para reagir". Quer dizer, ao vermos alguém praticar um determinado ato, achamo-nos no direito de imitá-lo: começamos, repetimos e incorporamo-lo em nossa conduta pessoal. Com o tempo, o referido ato torna-se um hábito tão natural, que nos sentimos sem forças para modificá-lo.

Os psicólogos sociais mostraram, através de pesquisa, que há muita facilidade em construir hábitos. Basta iniciá-los, que as circunstâncias concorrem para solidificá-los. A modificação, porém, não é tarefa fácil. A substituição (ou extinção) requer mais força do que se imagina. A **persuasão** é o elemento chave que está na base dessas pesquisas. Nesse sentido, chamam-nos a atenção para a persuasão dos crédulos, que são facilmente sugestionados pelo carisma e magnetismo dos seus líderes. Após serem vítimas de uma lavagem cerebral, não conseguem mais pensar pela própria cabeça. Por isso, quando seguimos a multidão podemos estar no contrapé da história.

Esses psicólogos sociais mostraram também que há um aspecto relevante no esforço despendido para mudar o hábito negativo, ou seja, quando mudamos uma tendência todas as outras sofrem um realinhamento na mesma direção. É que, segundo esses cientistas, o ser humano funciona globalmente, e tudo o que fizermos no particular terá uma repercussão no todo orgânico. Nesse sentido, o psicólogo Emile Coué escreveu uma frase sugestiva que dá a idéia da generalidade: "Todos os dias sob todos os aspectos vou cada vez melhor".

O tempo decorrido de um automatismo negativo é sumamente importante. A influência dos Espíritos obsessores que estão nos prejudicando deve ser analisada. André Luiz em *Missionários da Luz* chama nossa atenção para a dificuldade de se quebrar as algemas obsessivas forjadas ao longo de várias encarnações. É que na simbiose das mentes as almas alimentam-se mutuamente. Se quisermos romper de uma hora para a outra, haverá prejuízo de ambas as partes. Nesse sentido, a paciência, a prece, a vigilância, as prédicas evangélicas assumem papel deveras salutar.

Deus, porém, não desampara ninguém. Ele está sempre enviando os professores sociais da boa nova. Basta termos confiança neles, e eles serão farol de nossa libertação espiritual.

Fonte de Consulta

KARDEC, A. *A Obsessão*. 3. ed., São Paulo, O Clarim, 1978.

Novembro/1997

REFLEXOS CONDICIONADOS E ESPIRITISMO

A **herança** e o **automatismo** são os pontos de contato entre a Fisiologia e a Psicologia. No capítulo IV de *Evolução em Dois Mundos*, o Espírito André Luiz remete-nos aos evos dos tempos, dizendo-nos: "Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da Civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é base da inteligência..." Acrescenta, ainda, que o princípio inteligente adquire a atração no mineral, a sensação no vegetal e o instinto no animal, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.

Pavlov, em uma de suas experiências, separou alguns cães do convívio materno, desde o nascimento, sujeitando-os ao aleitamento artificial. Como é lógico, revelaram naturalmente os reflexos congênitos, quais o patelar e o córneo-palpebral, mas, quando lhes foi mostrada a carne, tanto aos olhos quanto ao olfato, não segregaram saliva, não obstante à frente do alimento tradicional da espécie, demonstrando a esperada secreção apenas quando a carne lhes foi colocada na boca. A partir daí, os animais apresentavam a mencionada secreção sempre que o alimento fosse apresentado à vista ou ao olfato. Segundo André Luiz, no capítulo XII de *Mecanismos da Mediunidade*, houve uma espécie de enxertia do reflexo condicionado sobre o reflexo congênito desencadeado pelo alimento introduzido na boca.

A experiência mencionada acima serve para compreendermos a função da **indução** na formação de nossos reflexos condicionados psíquicos. Nos cães de Pavlov, a faculdade de comer representa atitude espontânea (reflexo congênito), mas o interesse pela carne a que foram habituados define uma atitude excitante (reflexo condicionado). A conjugação mediúnica origina-se desses reflexos condicionados psíquicos, pois emitindo uma onda mental, entraremos em contato com todas as ondas mentais de mesmo teor, recebendo, em contrapartida, o retorno dessas ondas enriquecidas do teor energético dos outros agentes.

O reflexo condicionado psíquico pode ser visto nas situações mais complexas quanto nas mais simples. Observe a influência que algumas pessoas, sob o disfarce de um título honroso qualquer, exercem sobre as outras. Lançam uma idéia no centro de um grupo e todas as pessoas presentes passam a seguir-lhes incontinentemente. Embora todos sejamos passíveis de sermos influenciados por esse líder, cada um será responsável pela duração e aplicação desses pensamentos. A mediunidade é intercâmbio. Nesse sentido, quanto mais ficarmos envoltos com esses pensamentos mais estaremos alimentando-os. Por isso, o recurso da prece é extremamente valioso para quebrar o reflexo condicionado negativo.

A ligação mental do médium à entidade espiritual merece um destaque especial. Como a lei de associação de idéias é uma lei universal, quanto mais nos demormos num teor específico de fluxo mental mais estaremos condicionados ao modo de pensar e agir daquela entidade, pessoa ou coisa. O reflexo é automático e muitas vezes, sem o percebemos, acabamos criando um monoideísmo, difícil de ser extinto. É por esta razão que os amigos espirituais estão sempre nos alertando para a vigilância sobre os vícios mais vulgares, qual sejam a maledicência, a crítica sistemática, os abusos da alimentação etc., por serem estes os grandes indutores de nossos reflexos condicionados psíquicos.

Convém, para o nosso próprio bem, rompermos os automatismos negativos, a fim de vislumbrarmos um mundo diferente daquele que estamos vivenciando.

Novembro/1997

DES-CONDICIONAMENTO

Somos seis bilhões de mentes emitindo pensamentos e idéias de toda a sorte. Muitos, no meio dessas radiações mentais, acabam aceitando as sugestões dos outros, porque sem a devida crítica, ficam sem opção para determinar o seu próprio caminho na vida. Não resta dúvida que a **lavagem cerebral**, estimulada pelos meios de comunicação, é responsável por essa padronização do comportamento. O propósito deste artigo é refletir sobre a nossa aquiescência à sugestão alheia.

Nossa mente está condicionada pela sociedade em que vivemos, pelos livros que lemos, pelo nosso credo religioso, pelos nossos temores, pelas nossas ambições etc. Ao nos inserirmos no seio da sociedade, ela já tem uma estrutura organizada: bancos, comércio, escolas, fábricas etc. É, assim, justo que ela influencie o seu novo cidadão. Contudo, essa influência não pode matar a criatividade do seu membro, pois faltando-lhe o alimento renovador, ela deteriora-se por si mesma.

Para que uma mente seja livre ela tem que transcender o ambiente em que está inserida. Observe um indivíduo preso ao dogma religioso. Para ele tudo está certo, desde que atenda ao padrão estabelecido pela sua religião. Não lhe ocorre pensar de forma diferente, porque pensa de acordo com o sistema pré-estabelecido. Um exemplo: como posso negar que Pai, Filho e Espírito Santo são uma única pessoa, se é assim que o dogma da Santíssima Trindade me obriga a pensar?

O **indivíduo**, para que realmente possa ser denominado **indivíduo**, tem de construir o seu próprio pensamento. Nesse sentido, e a fim de tornar a sua mente criativa, é aconselhável despir-se das repetições dos pensamentos alheios, da autoridade de um chefe, do clamor da mídia televisiva, em fim, de

toda a espécie de condicionamento. A criatividade nada mais é do que a perfeita sintonia com as forças superiores da natureza. Assim, o espírito criador tratará todos os problemas de maneira simples, evitará a ociosidade e procurará concentrar-se eficazmente em tudo o que estiver fazendo.

O descondicionamento pressupõe um requisito: o indivíduo deve acreditar que pode libertar-se dos condicionamentos. Se, pelo contrário, achar impossível, o problema já está resolvido. Mas, crendo na sua possibilidade, deve ponderar a sua busca. Mesmo assim, a ponderação requer uma mente aberta, a fim de que esta não caia em outro tipo de condicionamento. Somente quando se pensar livre e profundamente num problema é que a verdade se descobre por si mesma. O mais importante não é forçar a ruptura de um condicionamento, e sim ter a mente aberta para compreender as suas causas intrínsecas.

O descondicionamento é extremamente valioso para a nossa ascensão espiritual. Quanto mais nos afastarmos das idéias pré-concebidas, mais perto estaremos do pensamento criativo e renovador.

Abril/1998

Religião

O PAPEL DA RELIGIÃO

O **papel da religião** é fornecer subsídios para que o ser humano compreenda melhor a sua relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Ao indagar de onde veio, o que está fazendo neste mundo e para aonde irá depois da morte, quer uma resposta que vá além da Ciência positiva. Esta resposta somente a Religião e a Filosofia podem dá-la. O perquirir constante com relação aos seus conteúdos existenciais vai ampliando a sua imanência nas leis naturais, escritas por Deus em nossa consciência.

Religião é palavra de origem latina (*religio, religione*). O significado não é claro. Cícero (106-43 a.C.), no *De Natura Deorum*, faz esta palavra derivar

de *relegere* ("considerar cuidadosamente"), oposto de *neglere*, descuidar. Lactânncio, escritor cristão (m. 330 d.C.), deriva da raiz *religare* ("ligar", "prender"). Para Cícero, a religião é um procedimento consciencioso, mesmo penoso, em relação aos deuses reconhecidos pelo Estado. Para Lactânncio, a religião liga os homens a Deus pela piedade. Há um termo de partida e um de chegada, em que princípio e fim são os mesmos. As duas raízes complementam-se.

O conceito de religião engloba várias concepções redutivas. A Concepção mítico-mágica, em que a religião é uma ilusão ou uma superstição. Ao entrar em conflito com a razão, torna-se dogmática para poder subsistir.

A **Concepção gnóstica**, em que a Filosofia, filha rebelde da teologia, transforma-se numa religião, ao buscar a salvação através do conhecimento (gnose). A **Concepção antropológica**, em que Auguste Comte, criador da religião da humanidade, limita o conceito de transcendência às coordenadas intramundanas. A **Concepção irracionalista**, em que a religião é um campo autônomo: não é do conhecer, nem o do fazer, nem o do esperar — é contemplação extática do infinito.

A religião fundamenta-se na **revelação**. Os fundadores das religiões tinham revelações e visões nas quais o próprio Deus os chamava a atuar. Deus revelou-se a Moisés numa sarça que ardia. Quando Paulo foi chamado por Jesus, no caminho de Damasco, cegou-o um resplendor celestial. Maomé encontrou-se com o arcanjo Gabriel, que o reteve sem soltar, até que ele lhe prometeu seguir o seu mandato de reconhecer a vontade de Alá. Todas dignas de acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir. Muitas delas, porém, desviadas do bom caminho pela ambição dos seus expositores.

A promessa do paraíso, após esta vida, é o ponto básico da salvação da alma. Acontece que premidos pelos interesses pessoais, os expositores acabam materializando o Céu, o Inferno, o Purgatório, e através do medo, fazem com que os seus seguidores obedeçam-nos sem a utilização do senso crítico. Mas, se questionarmos a fé dogmática e a facilidade da salvação, vamos vislumbrando um mundo espiritual gerido pelo sentimento religioso e não pela religião propriamente dita.

O enaltecimento do sentimento religioso, natural em cada ser humano, exige esforços constantes para não sermos ludibriados pelos falsos profetas. Somente assim poderemos taxar-nos de religiosos e não simplesmente pertencentes a uma religião organizada.

Fonte de Consulta

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa, Verbo, s. d. p.

Enciclopédia Combi Visual. Barcelona (Espanha), Ediciones Danae, 1974.

Setembro/1998.

OS DEZ MANDAMENTOS

O aprofundamento de um tema depende da visão que se tem do assunto a ser tratado. Do mesmo modo que o futebol, em que a pessoa conhecedora da matéria aproveitará melhor a partida, assim também é a análise dos *Dez Mandamentos*. Muitos lêem simplesmente aquilo que se tornou popular; outros refletem sobre as conseqüências da ação moral dali extraída; outros procuram cavar mais fundo, buscando as razões, os porquês do seu aparecimento e da sua atualização nos dias que correm.

Historicamente, os Dez Mandamentos apareceram em Israel. Na época, os reis egípcios dominavam politicamente e economicamente o país. O povo vivia na escravidão. O surgimento de um Deus pessoal, o Javé, veio no momento certo para libertar o povo do jugo do Faraó. A Lei de Deus é um grito de liberdade. Há uma aliança firmada entre Deus e Israel. Nessa aliança haverá liberdade, mas ao mesmo tempo reverência a um único Deus, pois Javé é um Deus ciumento e não aceita repartir o seu amor, principalmente com os deuses estrangeiros.

Os *Dez Mandamentos* significam as "dez palavras" recebidas por Moisés no monte Sinai. Pergunta-se: por quê dez? O número é exato? Moisés recebeu realmente essas duas tábuas das mãos de Deus? Há dúvida. Há, inclusive, indícios de que ele tenha extraído esses ensinamentos de *O Livro dos Mortos* dos egípcios. Ainda: o número dez é emblemático, pois se tornou sinônimo de uma síntese universal. Ele também facilita a memorização. Observe que há dez mandamentos para quase tudo em nossa vida.

O texto popular dos *Dez Mandamentos* é um resumo. Resumo é resumo e não consegue abarcar a totalidade da questão. Diz-se, por exemplo, que se deve amar a Deus sobre todas as coisas, mas fica faltando o aspecto social e político em que o primeiro mandamento fora pronunciado, ou seja, "Eu sou Javé, que te fiz sair da terra do Egito, da casa de servos..." Além do mais, pode-se desprezar o verdadeiro significado de alguns termos, tais como, sábado e cobiça. Sábado vem de *sabat* e significa descanso, dando como tradução a palavra Feriado. Cobiçar não é só desejar o que é do outro, mas querê-lo a todo custo.

Dependendo da Bíblia, haverá mais mandamentos referentes a Deus e menos ao próximo. Os protestantes desdobraram o primeiro mandamento em dois, e os católicos ampliaram o décimo. De qualquer modo, a soma será sempre dez. Os mandamentos afirmativos são apenas dois, ou seja, "Lembra-te de santificar o dia de sábado" e "Honrar pai e mãe". Os outros utilizam o termo "não". "Não matarás", "Não roubarás", "Não cometerás adultério" etc.

Jesus, para simplificar o decálogo, resumiu-o no "Amar a Deus sobre todas as coisas e a próximo como a si mesmo". Costumamos chamá-lo de décimo primeiro mandamento. É isso que resume toda a Lei e os profetas. Mesmo assim, deixou claro que existe um único mandamento, o maior de todos, que é fazer a vontade de Deus, nosso pai Criador.

Os Dez Mandamentos devem ser o farol a iluminar a nossa estrada espiritual. São dez advertências para que paremos e reflitamos sobre a nossa conduta no seio da sociedade em que vivemos.

Maio/2007

GENEALOGIA DO INFERNO

O **Inferno** – lugar subterrâneo para onde vão as almas dos mortos – não ficou somente na Mitologia. Invadiu várias religiões desde a Antigüidade até os nossos dias. A influência é tão intensa, que mesmo não pertencendo a uma religião, fazemos uso desse conceito para expressar as mais diversas situações de nosso dia-a-dia. Nosso propósito é vê-lo no contexto histórico.

Na Mitologia grega, após a vitória do Olimpo sobre os titãs, foi feita a partilha do universo entre os três irmãos, filhos de Cronos e de Réia: a Zeus coube o Céu; a Poseidon (Netuno), o Mar; a Hades, o **mundo subterrâneo, os infernos ou o Tártaro**. O inferno, lugar invisível, eternamente sem saída, designa as riquezas subterrâneas da terra, entre as quais se encontra o império dos mortos. Na simbologia, entretanto, o subterrâneo é o local das ricas jazidas, o lugar das metamorfoses, das passagens da morte à vida, da germinação.

No Egito, por exemplo, no túmulo de Ramsés VI, em Tebas, os infernos eram simbolizados por cavernas, repletas de almas danadas. Mas nem todos os mortos eram vítimas de Hades. Eleitos, heróis, sábios, iniciados — todos eles conheciam outras moradas, que não eram os infernos tenebrosos. Ilhas venturosas, Campos Elíseos, onde a luz e a felicidade lhes eram prodigalizadas.

Na tradição cristã, a conjunção luz-trevas simboliza os dois opostos: céu e o inferno. Nesse sentido, o céu é o lugar para aonde vão as almas dos justos gozar as bem-aventuranças no paraíso; o inferno é o lugar para aonde vão as almas dos que morreram em pecado mortal. Lá os esperam as mais trágicas dores: tonéis ferventes, tridentes, em fim, um sofrimento eterno.

Na perspectiva da **análise psicológica e ética**, o inferno é interpretado em função da psique, cuja figura personificada representa o trabalho intrapsíquico de sublimação ou de perversão. Assim, o Espírito chama-se Zeus; a Harmonia dos desejos, Apolo; a inspiração intuitiva, Palas Atenas; o **recalque**, Hades. Dentro dessa concepção, o inferno é o estado da psique que, em sua luta, sucumbiu aos monstros, seja por ter tentado recalcar-los no inconsciente, seja porque aceitou identificar-se com eles numa perversão consciente.

Como vemos, a palavra presta-se a muitos significados, mas sempre com um pano de fundo: sofrer o mal cometido.

Fonte de Consulta

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 6 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

Agosto/1998.

A INTIMIDADE COM DEUS

V
i
v
e
r

n
a

i
n
t
i
m
i
d
a
d
e

d
e

D
e
u
s

é

u
m

" m
i
s
t
é
r

*i
o
"
q
u
e
n
ã
o
p
o
d
e
s
e
r
p
e
r
c
e
b
i
d
o
s
e
n
ã
o
p
e
l
a
f
é
.*

Tese: confiar em Deus mesmo nas piores situações

A intimidade com Deus é como a amizade entre dois amantes em que cada um confia ao outro os seus segredos. Confiar em Deus é manter essa amizade

com o Pai, apesar das asperezas do caminho. Como temos dificuldade de ir direto ao Pai, podemos nos valer de seu filho predileto – Jesus. Por isso, as frases evangélicas: "Ninguém vai ao Pai senão por mim"; "Eu sou a porta. Quem entrar por esta porta terá a vida eterna"; "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

Diz-se que Deus escreve certo por linhas tortas. Muitas vezes, a vontade divina parece-nos rude, embaraçosa e incompreensível. Certo projeto, posto por terra, certo desígnio malogrado, certo revés inconcebível. Quer isto dizer que os caminhos que Deus nos chama para sua intimidade não são os caminhos sensíveis, os caminhos dos gozos materiais. A maioria das vezes vem das contradições e decepções várias. É justamente nisso que reside o mistério, isto é, algo que transcende a razão.

Viver na intimidade de Deus é um mistério que não pode ser percebido senão pela fé. A razão é, na maioria das vezes, incapaz de explicar as calamidades e as dificuldades pelas quais passamos. Falhando, recorremos à fé. Quer dizer, só a fé é capaz de penetrar no íntimo dessa relação com Deus. E, nesse sentido, aquilo que parece, à primeira vista, impossível, transforma-se numa certeza rotunda. Todo o ser humano tem necessidade dessa relação íntima com Deus, para poder suportar com galhardia as suas provações terrenas.

Para que possamos aderir à intimidade com Deus, temos que renunciar à nossa vontade. A frase evangélica "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou" é muito elucidativa. Como o alimento material deve servir para atender às nossas necessidades físicas, o alimento divino deve atender às nossas necessidades espirituais. Pergunta-se: será que os sofrimentos pelos quais estamos passando não são as instruções básicas não só para a salvação de nossa alma como também para a de toda a humanidade?

Há muitos motivos que nos levam a renegar a intimidade com Deus: a não compreensão dos Seus próprios desígnios; a fuga aos deveres; os devaneios; a entrada pela "porta larga da perdição". Quantas almas atingidas por uma provação inesperada ou aparentemente superior às suas forças, abandonam a Deus num momento de revolta! Não permaneceram atentas a Deus: tornaram-se incapazes de perceber o motivo secreto de Sua ação em suas vidas.

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Eis a idéia-força para a continuidade de nossa tarefa de iluminação, de nossa perfeita intimidade com Aquele que nos criou.

Junho/2006

ISLAMISMO

Islamismo é o termo erudito que designa a religião do Islão (assim chamado pelos muçulmanos, seus adeptos), fundada pelo profeta Maomé e baseada no Alcorão (livro que lhe foi revelado por Deus). O **Alcorão** significa, em ár.,

recitação. E, com efeito, Alcorão é, em primeiro lugar, a mensagem oral recitada por Maomé a seus sequazes como recebida de Alá e posta, mais tarde, em forma de livro, dividido em 114 capítulos, chamados "sura", e estes, por sua vez, em versos. Esses ditos recolhidos pela tradição têm força de lei.

O profeta Maomé é um revelador que vem complementar o Judaísmo e o Cristianismo. Contudo, evoca uma divergência: os discípulos do Torá (Pentateuco) e do Evangelho lhe alteraram o texto, originariamente destinados a uma revelação idêntica à corâmica. Nesse sentido, o grande objetivo das "suras" de Meca é a conversão da fé em Alá, Deus único, criador e remunerador, na ressurreição dos mortos, no Juízo Final, no Inferno e no Paraíso. Jesus, por exemplo, é um servo de Alá, homem sem pecado, fator de milagres; mas Alá não tem filhos.

O Islamismo traduz-se por diversas práticas rituais e costumes religiosos.

Há a profissão de fé (*chahada*), a oração (*salat*), a purificação ritual, a esmola (obrigatória), o jejum e as proibições alimentares, a peregrinação a Meca, a circuncisão e a moral islâmica. Essas práticas tem por objetivo mostrar que Deus é grande e que "não há outro Deus senão Alá e Maomé é o seu Profeta". O jejum do mês de Ramadão, por exemplo, imposto pelo Alcorão, constitui um dos preceitos fundamentais do Islamismo; consiste em não comer, nem beber, nem cheirar perfumes, nem ter relações sexuais, desde a alvorada até o anoitecer, durante todo o mês lunar do Ramadão.

A abrangência do Islamismo é bastante extensa. Atualmente ele engloba o Norte da África, a Península da Arábia e Médio Oriente, a Turquia e parte dos Balcãs, o Irão, o Afeganistão, o Paquistão e partes da Índia. Em termos estatísticos representa 20% da população mundial. É de se pressupor que vai aumentar a sua guerra santa, ou seja, arrebanhar mais o número de fiéis. Por isso, há um temor mundial de que aumente nesse ritmo alucinante.

O Afeganistão, país atrasadíssimo numa região montanhosa do Centro Oeste da Ásia, exagerou em muito a "sharia", o conjunto de leis e regras de comportamento prescritos para os muçulmanos. Impôs um rígido código de vestuário, proibiu raspar a barba, ouvir música, assistir ao cinema, à televisão etc. A mulher é que foi mais sacrificada: são impedidas de trabalhar e de estudar; só saem à rua por motivo justificado, assim mesmo acompanhadas de um parente e cobertas da cabeça aos pés pelo burqa.

É de se lastimar que, num século de globalização, tenhamos de conviver com países ainda refratários à liberdade religiosa, moral e social.

Fonte de Consulta

Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

Revista Veja, julho 98.

Agosto/1998

JESUS É O CENTRO DA RELIGIÃO

A **religião** é um sentimento que liga o crente ao Criador. A ciência aperfeiçoa a técnica e nos trás conforto material, a filosofia cria condições para o pensar correto, mas somente a religião é capaz de educar os nossos sentimentos. Um sentimento enobrecido é a pedra de toque para o equilíbrio psíquico, físico e espiritual do ser humano. Por isso, a religião, nos dias que correm, deve retomar ao seu verdadeiro sentido, ou seja, a simplicidade e humildade ensinada pelos primeiros cristãos.

Jesus é o centro da religião. Por que? Porque é Nele que se originam todos os apelos a Deus. Além do mais, Jesus é o governador deste Planeta. Teve participação, inclusive, na sua formação quando se desprendia da nebulosa solar. Sendo assim, o seu poder de influência é sem limites. Ele foi o guia inspirador de todos os missionários que o antecederam: Confúcio, Hermes, Lao-Tsé, Buda. Foi Ele quem aclimatou em todas essas religiões o "amai-vos uns aos outros como irmãos". Na opinião de muitos religiosos, Jesus é o Alfa e o Ômega: já existia antes de reencarnar e continuará a existir para sempre.

Numa visão histórica das religiões, temos: 1) o sistema egípcio elegeu a imortalidade da alma como uma das concepções mais avançadas da Grandeza Divina; 2) na Índia, o desenvolvimento do culto da sabedoria, ensinando-nos que a bondade é o freio de todos os vícios; 3) na Pérsia, o zoroastrismo estimula o nosso dever para com o Bem; 4) entre os judeus, o sopro do Deus único, ajuda a estabelecer o reino da justiça na Terra; 5) na China, o culto da simplicidade, destaca o equilíbrio e a solidariedade; 6) na Grécia, o culto da Beleza, incitando-nos à prática do Amor Universal.

Os Espíritos superiores, em todas as épocas da humanidade, espargiram a luz da verdade. A percepção equivocada do ser humano desviou-o do rumo certo. Os desvios são frutos da ignorância, do interesse e da má-fé. No Egito, a crença na imortalidade da alma ficou enclausurada nos templos do sacerdócio; na Pérsia, as pessoas felicitadas pela sabedoria se dedicam a guerras de conquista e destruição; em Israel, o orgulho racial é um entrave à solidariedade entre os povos.

A mensagem do Cristo, porém, foi clara e objetiva. Toda a sua vida foi um hino ao exemplo, a começar pelo seu nascimento numa manjedoura, símbolo de humildade e simplicidade. Em sua pregação evangélica, o contato direto com o povo sofrido lhe deu crédito de confiança. As parábolas e as advertências estão impregnadas de verdades imorredouras. Os seus ensinamentos são uma espécie de modelo para toda a Humanidade. Lembremo-nos do "ao que te bater numa face, oferece também a outra", "a quem te pedir a capa cede igualmente a túnica", "se alguém te solicita a jornada de mil passos, segue com ele dois mil".

Jesus, na sua passagem pela Terra, alertou-nos sobre o Consolador Prometido. Na época, não pode dizer tudo e, por isso, prometeu o consolador,

que viria a seu tempo, quando a Humanidade tivesse condições de entender melhor o seu ensinamento. O Consolador, o Espírito da verdade, que é o Espiritismo, veio na época certa, quando a ciência e a filosofia já tinham avançado em seus estudos. O Espiritismo, que é o cristianismo redivivo, veio para lembrar o que o Cristo disse, sanar os desvirtuamentos cometidos pelas diversas religiões e trazer-nos novos conhecimentos.

O Espiritismo nada mais é do que a continuidade dos ensinamentos cristãos. Assim sendo, Cristo esteve e ainda está no centro da comunhão com o Pai. É Ele quem, mesmo secundado pelos Espíritos de luz, nos inspira para prática da caridade e do amor ao próximo.

Março/2007

MESSIANISMO

Messianismo - teoria da expectativa ou da esperança num Messias salvador e redentor da Humanidade, considerada em estados ou de degradação ou de queda ou de perdição, após cuja vinda essa mesma Humanidade recupera, regenera, restaura ou redescobre o estado de felicidade. O termo messianismo toma diferentes significados, dependendo do aspecto cultural e religioso no qual está inserido, mas sempre manifestando a proposta para a cura do que está mal.

O **messianismo hebraico**, consoante a evolução do povo de David, é real, profético e sacerdotal, mas a idéia nuclear, ainda que o nome messias pouco aparece no Antigo Testamento, revela a tipologia de um rei-sacerdote que virá no fim dos tempos para instaurar o amor, a justiça, a unidade e a paz. A sua figura é absorvente nos livros históricos poéticos e sapienciais, sendo-nos revelado como *Rei Messias* (Jer., 30, 9), *Servo Sofredor* (Isaías, 53,1) e *Filho do Homem* (Dan., 7,13).

Para a **modernidade evangélica**, esses cognomes são atribuídos a Cristo, o verdadeiro Messias já vindo. O termo **Messias** é de origem hebraica. Deriva do aramaico *Meshihà*, pelo hebraico *Hammashiab* (o Ungido), pelos gregos traduzido no nome *Christós*. A raiz do nome é *meshab* (=ungir), verbo com que se designava a unção sacerdotal, profética e régia. Essa atribuição é causa de cisão com o Messianismo hebraico, na medida em que o Cristo veio contrariar o tradicionalismo judaico.

A **filosofia política**, quando visa o Reino, a República, o Estado Perfeito, situa-se na esfera messianológica em acepção ampliada. Observe a *República* de Platão, a *Política* de Aristóteles, a *Utopia* de Thomas More, a *Cidade do Sol* de Campanella. Além disso, há os múltiplos tratados sobre a cidade cristã, desde de *Cevitate Dei*, de Santo Agostinho, à da *Instituição Real*, de Jerônimo Osório.

Todos imbuídos do afã de atingir uma sociedade perfeita, onde o mal seria banido de nosso planeta.

Os "**enviados**", os "**mensageiros celestes**" e os "**homens escolhidos**" têm muito a ver com a caracterologia messiânica. Surgem, assim, no seio da sociedade os diversos ungidos propagadores da nova moral, visando sempre a salvação da alma. Surgem diversas lendas em que os cognomes régios — Príncipe Perfeito, o Desejado — que visam transferir para simples humanos caracteres de perfeição messiânica, com se o encoberto fosse já desoculto.

Eis um resumo dos vários aspectos que uma mesma palavra pode alcançar nas várias vivências de nossa existência. (Muita coisa copiada).

Fonte de Consulta

POLIS - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1986.

Junho/1998

O MITO E A DESMITOLOGIZAÇÃO

Mito - do gr. *mythos* - discurso, narrativa, boato, lenda, fábula, apólogo. Originariamente, o termo significava uma narrativa fantasiosa da genealogia e dos feitos das divindades do politeísmo registrados nas teogonias. Aos poucos, o termo se foi carregando de novos sentidos. Sociologicamente, é a narrativa imaginária de origem popular: "os mitos cosmogônicos". Historicamente, é a exposição de uma doutrina sob a forma de narrativa alegórica: "os mitos platônicos". Vulgarmente, é a dramatização das grandes aspirações frustradas do grupo: "mito da greve geral".

Dado o caráter **soteriológico e escatológico** do mito, muitas vezes acabamos confundindo-o com a utopia. **Autopia** é uma condição da mente que especula inteligentemente sobre o futuro. Platão e Tomas More fazem-no ao discorrerem sobre o estado ideal de uma sociedade. O **mito**, por outro lado, exprime o instinto profundo de uma classe inferiorizada. É nesse sentido, que o "mito da greve geral", acima citado, é defendido pelos socialistas revolucionários e sindicalistas com o intuito de instaurar a revolução social.

A Bíblia, no sentido estrito do termo, não contém mitos, pois as teogonias (origem dos deuses) ou teomaquias (luta dos deuses) estão superadas pela presença do Deus criador único. No entanto, num sentido menos estrito, podemos falar dos mitos contidos na Bíblia: sobretudo os onze primeiros capítulos do "Gênesis" utilizaram esse gênero literário para descrever a condição humana, a origem do pecado e a rebelião dos homens contra Deus. Nesses capítulos, vemos Deus criando Adão do barro, falando com os animais e emprestando aos frutos o poder mágico da tentação.

poder do mito é tão intenso que todo o esforço de desmitolização acaba incorrendo em novas formas míticas. É o mito do progresso ininterrupto, o mito marxista da vitória dos oprimidos, o mito do socialismo da cidade ideal, o mito do super-homem com a sua vitória sobre o espaço e o tempo etc. Os mitos expressam a vivência humana em um nível de profundidade que o pensamento lógico é incapaz de refletir. Por essa razão, a psicologia recorre ao mito para descrever situações básicas da condição humana. Como exemplo, temos o estudo do complexo de Édipo, o narcisismo, a oposição entre eros e tanatos etc.

A **desmitologização** é uma necessidade para a vivência religiosa moderna. Contudo, deve ser empreendida de modo ponderado, a fim de se buscar, por detrás da narração mitológica de caráter cosmogônico, o seu autêntico significado existencial. Aquilo que nos mitos ocorre no espaço e no tempo, não é outra coisa do que a expressão da vivência profunda do ser humano em suas camadas mais profundas e do sentido último de sua existência.

Ponderemos ingenuamente sobre o mito. Exercitando-nos dessa forma, vamos compreendendo o psiquismo humano e descobrindo os verdadeiros matizes de uma vivência religiosamente profunda.

Fonte de Consulta

IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

Dezembro/1996

PANTEÍSMO: PEQUENO ESCORÇO HISTÓRICO

Panteísmo – Do grego *pan* "tudo", "todo" e *theos* Deus é uma doutrina filosófica que identifica Deus e o mundo, o criador e a criação, ou seja, considera Deus como a universidade dos seres ou conjunto de tudo quanto existe. Diz-se também que é sistema filosófico segundo o qual tudo é, não apenas *por* Deus mas *em* Deus. Para o *estoicismo*, o divino não é transcendente (isto é, superior e exterior ao mundo, como no cristianismo), mas imanente (está situado em tudo na natureza).

O termo **panteísmo** foi criado por John Toland, no início do século XVIII. Contudo, a idéia panteísta já existia há muito tempo. Emerge da teogonia hindu, que concebia o infinito como imanente do espírito universal. Depois passou ao zoroastrismo, à filosofia grega e ao gnosticismo cristão, que, séculos depois, encontrou a sua expressão mais alta nos trabalhos do judeu Baruch Espinosa (1632-1677), filho de pais portugueses.

O **panteísmo** da Grécia antiga teve os contributos de Sócrates, Platão, Aristóteles e outros. Mas, foi com Zenão de Cicio (340-264), o fundador do *estoicismo*, que houve uma síntese perfeita de todas as teorias anteriores.

Sabe-se que Zenão procurou combinar o "*logos*" de Heráclito, o "*nus*", motor do mundo, de Anaxágoras, as "idéias" de Platão e as "enteléquias" de Aristóteles. Para ele, "Deus acha-se no homem e na natureza, natureza e Deus são uma mesma coisa".

Giordano Bruno (1548-1600), considerado o precursor do **panteísmo** moderno, diz: "Deus é o ser universal em que tudo submete, que se transforma em todas as coisas e com elas constitui uma única realidade". Este pensamento chega a Baruch Espinosa, que empresta ao panteísmo uma forma científica: "A substância é o ente que não depende de causas. E como não pode produzir outra substância, segue-se que uma única existe, que é infinita e dotada de duas propriedades, igualmente infinitas – o *pensamento* e a *extensão*".

Fichte, Schelling e Hegel também desenvolvem as suas teorias acerca do **panteísmo**. Hegel, por exemplo, professa uma doutrina que deve ser considerada o apogeu do panteísmo: "O princípio de tudo não é o sujeito pensante nem o objeto pensado mas a idéia, que é o ente comum em que se resolvem todas as idéias, porque tudo o que é ideal é real e vice-versa". Para ele, Deus ou o absoluto é a idéia.

Como vemos, as discussões panteístas tornam Deus bastante obscuro. A Doutrina Espírita esclarece a questão com uma única frase: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas".

Fonte de Consulta

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d. p.]

Fevereiro/2004

PROIBIÇÃO, CONFISSÃO E PURIFICAÇÃO

A **manifestação religiosa**, quanto mais primitiva é, menos crenças tem e mais práticas e instituições. No **Totemismo**, a mais antiga das religiões, o universo simbólico do sagrado é representado por vários elementos, entre os quais o "**tabu**", ou seja, uma espécie de proibição. Instituiu-se uma lista daquilo que era considerado sagrado. Violando-se, fere-se a regra e necessita-se de confissão. A confissão é a penitência e tem por objetivo a libertação do crente.

O conteúdo das proibições, como vimos, vem das religiões primitivas. No Levítico há longas listas dos animais puros e impuros (ou "imundos"). Os animais puros são aqueles que podem ser oferecidos a Deus; os impuros, os que são proibidos. Em se tratando dos animais, observe a ênfase dada à serpente. No livro Gênesis é a tentadora de Eva. A simbologia da serpente é tão intensa que um psicanalista chegou a afirmar que ela encarna a psique

inferior, o psiquismo obscuro do homem, ou seja, o que é raro, incompreensível, misterioso.

Desviando-nos da lei, cometemos o mal e devemos nos confessar. Na tradição bíblica, o que libera o pecador não é a lembrança dos atos bons, mas principalmente a confissão das faltas cometidas. A confissão cristã reteve os mesmos elementos do judaísmo: reconhecimento expresso de culpa, reparação, penitência e absolvição divina. Acrescenta-lhe, porém, a não reincidência na falta como condição do perdão obtido. O pecado é um laço, um nó espiritual. A confissão, entendida na sua plenitude, desata o laço. A confissão simboliza a vontade de se livrar da falta.

Na antigüidade, depois de confessar as faltas, o crente era submetido ao ritual de purificação, incluindo-se um cerimonial inesgotável. A noção de pureza moral, de pureza de consciência, de mancha da alma e arrependimento interior, só aparece na Grécia com o culto de Apolo, em Delfos. A partir daí, a consciência funciona como um agulhão, orientando as ações humanas. Contudo, ela não se realiza senão no nível da razão, da liberdade e do dom de si.

Na atualidade, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, o universo simbólico das religiões é bastante saliente. Em sendo assim, convém notar que a purificação, a verdadeira purificação, a purificação interior deve emergir de dentro de cada ser. Estar submisso às forças hierarquizantes e dominantes das religiões, pode impedir-nos de realizar a nossa autêntica revolução interior.

Confessemos-nos uns aos outros, no sentido de desentranhar pesados fardos do nosso interior. Porém, não nos esqueçamos de que a potencialização do nosso ser espiritual depende exclusivamente de nós.

Fonte de Consulta

CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos, (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 6. Ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

Janeiro/97

REVELAÇÃO

Revelação - De modo geral, é a manifestação de uma verdade oculta ou desconhecida ou pelo menos obscura. Na teologia, é o ato pelo qual Deus manifesta aos homens o Seu desígnio de salvação e Se lhes dá a conhecer.

A revelação pode ser humana e divina. É divina quando feita por Deus; humana quando o é pelo homem. **Arevelação divina** pode ser natural ou sobrenatural. A **revelação natural** está inscrita na própria ordem da criação, em que Deus dota o homem de faculdades para elevar-se do domínio das coisas visíveis ao das invisíveis. No entanto, como faz parte da natureza, não é

esta a revelação em sentido próprio. A **revelação divina**, propriamente dita, é de ordem sobrenatural. Consiste na manifestação de uma verdade, feita por Deus, fora da ordem da natureza.

A revelação está encarnada no Velho e no Novo Testamento. No Velho Testamento, não há um termo específico para designar a revelação. Há, sim, intermediários da revelação, que são: Moisés, os profetas, os salmistas e os sábios. No Novo Testamento, os termos para indicar a revelação são: *keryssein* ("anunciar", "pregar"), *evangelizesthai* ("evangelizar"), *didaskein* ("ensinar"), *apokalyptein* ("revelar") e *matheteúein* ("fazer discípulos", "instruir"). No Novo Testamento, Cristo é o único **Mediador** propriamente dito da revelação. Os apóstolos são meros divulgadores, evangelizadores mas não reveladores

Teologicamente, as **revelações** são arbitradas nos concílios. Observe que no Concílio de Trento, a revelação é o anúncio do Evangelho prometido aos profetas, pregado pelos apóstolos, e transmitido à Igreja para que ela o conserve em toda a sua pureza. O Concílio Vaticano II, por sua vez, consagrou à revelação o cap. I da Constituição dogmática *Dei Verbum*: a) a revelação é um diálogo interpessoal entre Deus e os homens; b) a revelação é progressiva; c) a revelação é constituída por acontecimentos e palavras; d) Cristo é o vértice da revelação.

A Bíblia não é a fonte única de revelação. A Igreja é o órgão autêntico instituído por Deus e encarregado de propagar o depósito da revelação. As verdades transmitidas pela igreja constituem a tradição. Todavia, é certo que a revelação pública se encerrou com a pregação dos apóstolos. A partir daí, permaneceu substancialmente a mesma e não se transformou. As verdades reveladas só podem desenvolver-se no decurso do tempo sob a ação do Espírito Santo, passando do estado implícito ao estado explícito.

O domínio de uma teoria não elimina a possibilidade de Deus querer revelar-se a outros credos religiosos. Por isso, acreditamos nós, a Igreja deve revisar o monopólio de uma revelação particular.

Fonte de Consulta

Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

Grande Enciclopédia Brasileira e Portuguesa

Agosto/1998.

REVELAÇÃO NA BÍBLIA

Revelação – Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente sair de sob o véu — e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. A revelação pode ser humana e divina. É

humana quando o próprio homem busca os conhecimentos superiores. É divina quando Deus se revela ao homem. Em sentido estrito das revelações religiosas, elas sempre procedem de Deus, porque longe está o homem de penetrar os mistérios da divindade: ainda lhe falta uma faculdade.

As *revelações orientais*, alicerçadas nos sonhos e nas adivinhações, não chegam a constituir revelações propriamente ditas. O Budismo, por exemplo, não recorre de modo algum à revelação: tem como ponto de partida a iluminação inteiramente humana de um sábio. Outras apresentam o seu conteúdo como uma revelação celeste, mas atribuindo sua transmissão a um fundador legendário ou mítico, como Hermes Trimegisto no caso da gnose hermética. Na Bíblia, ao contrário, a revelação é um fato histórico, em que os seus intermediários são conhecidos: Moisés e Jesus Cristo.

Deus, no **Velho Testamento**, revela-se aos profetas, através de sonhos e visões. A palavra de Deus estabelece uma aliança, aliança que conota uma mudança comportamental do povo de Israel. Dentre os profetas, Moisés foi o escolhido para receber a tábua dos Dez Mandamentos, leis divinas que varam os anos da história e continuam ainda vivas, para auxiliar o ser humano na busca da perfeição. Moisés, contudo, devido à dureza dos corações de seu povo, fez do Deus de bondade um Deus que pune e castiga sem piedade.

A **revelação do Novo Testamento** consubstancia-se exclusivamente em Jesus Cristo. Jesus é o **Mediador**, o arauto, o comunicador; Ele nos fala das bem-aventuranças, do Reino dos céus e da vida futura. A sua pedagogia era alicerçada nas parábolas, estórias que contava sobre a vida comum, com o intuito de sugerir, além desse sentido imediato, uma lição moral. Os termos usados para indicar a revelação de Jesus são: *keryssein* ("anunciar", "pregar"), *evangelizesthai* ("evangelizar"), *didaskhein* ("ensinar"), *apokalypetein* ("revelar") *ematheteúein* ("fazer discípulos", "instruir").

Entre os Apóstolos, a revelação se deu em menor grau. Eles não foram caracterizados como reveladores, mas propagadores da Doutrina cristã, pois havia necessidade de se expandir os ensinamentos cristãos para os quatro cantos do mundo. Dentre os seguidores de Cristo, Paulo de Tarso exerceu papel relevante, principalmente depois de sua queda em Damasco: de perseguidor ferrenho dos cristãos transformou-se no maior divulgador do cristianismo. O Apocalipse de João, recebido na Ilha de Patmos, também merece destaque: lá estão os avisos sobre o arrebatamento em Cristo no final dos tempos.

Moisés começou a revelação; Cristo e os Apóstolos deram-lhe continuidade. Presentemente, o trabalho passa a ser nosso. Esforcemo-nos, pois, para que a divulgação da revelação divina possa atingir eficazmente o maior número de mentes e corações.

Fonte de Consulta

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d. p.]

Novembro/2004

SALVAÇÃO E RELIGIÃO

A palavra **salvação** é um "termo técnico" que tem origem na tradição judeu-cristã e recebe aplicação geral. Religião de "salvação" é a que oferece um diagnóstico da condição humana e oferece um caminho para a saúde ou integridade. Em muitos casos, mas não invariavelmente, necessita de um salvador. Embora a nossa análise se reporte às grandes religiões, não resta dúvida que o Totemismo, a mais primitiva das religiões, traz em seu bojo a idéia de salvação, principalmente nas proibições do culto negativo, como por exemplo, a abstenção de falar, de distrair-se, de lavar-se.

A **Religião Egípcia** é identificada com o culto da morte. A ciência secreta e os mistérios de Isis e Osíris simbolizam as forças espirituais que se prendiam ao fenômeno da morte. O *Livro dos Mortos* dá a conhecer os obstáculos que os defuntos encontram no outro mundo e os meios de vencer as dificuldades. Às vezes, no momento dos funerais, representam-se dramas simbolizando o triunfo do morto sobre os demoníacos adversários. De acordo com o Espírito Emmanuel, em *A Caminho da Luz*, os egípcios eram, dentre os Espíritos degredados do Planeta Capela, os que menos débitos possuíam perante o tribunal da Justiça Divina. Por isso, foram os que mais se destacaram na prática do Bem e no culto da Verdade.

O Vedismo, o Bramanismo, o Hinduísmo, o Jainismo e o Budismo são as diversas religiões da Índia. Os cânticos dos Vedas são bem uma glorificação da fé e da esperança em face da Majestade Suprema do Senhor do Universo. A faculdade de tolerar e de esperar afluou no sentimento coletivo das multidões, que suportaram heroicamente todas as dores e aguardaram o momento sublime da redenção. A salvação (*moksha*) consistiria em libertar-se do *karman*, em libertar-se de qualquer renascer, pois renascer é participar novamente "da dor do mundo". No Hinduísmo, por exemplo, a palavra *batki* (*devoção*) representa a salvação nos atos de amor.

A **China Milenar** foi a nação mais resistente à idéia cristã. Por isso, estagnou-se na marcha do tempo. Mas mesmo assim Jesus enviou os seus emissários àqueles agrupamentos de criaturas. Primeiramente Fo-Hi, depois Confúcio e Lao-Tsé, cinco séculos antes de sua vinda, no intuito de preparar os novos caminhos do Evangelho no mundo. A interpretação do Nirvana como sendo sinônimo de imperturbável quietude ou beatífica realização *donão ser* e não como a união permanente da alma com Deus, finalidade de todos os caminhos evolutivos, foi o seu grande erro.

O **Cristianismo** coroa a obra de Cristo, o Governador do Planeta, que veio pessoalmente nos ensinar o caminho do Reino de Deus. A história de seus exemplos, que são lições vivas para a nossa salvação, tem origem no seu

nascimento – numa estrebaria –, o que revela a humildade de seu Espírito magnânimo. Nas curas ou nos "milagres" que realizava, dizia: "Os teus pecados estão salvos; vá e não peques mais". Em fim, a sua doutrina é uma doutrina que fala das bem-aventuranças dos que morreram com a consciência tranqüila e em plena posse do bem.

Embora haja diversidade de pareceres nas diversas religiões, a tônica central é uma e apenas uma, ou seja, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Este é o maior dos mandamentos.

Fonte de Consulta

XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1972.

CHALLAYE, F. *As Grandes Religiões*. São Paulo: Ibrasa, 1981.

Novembro/2003

VIDA MONÁSTICA

Monge é um indivíduo que renuncia aos cuidados, desejos e ambições dos outros homens para dedicar toda a sua vida à procura de Deus. O que se entende por vontade de Deus? O que é "buscar a Deus"? É possível que não saibamos definir o que seja buscar a Deus, mas nem por isso devemos deixar de buscá-Lo. O que sucede geralmente é que, quando buscamos a Deus, Ele já nos buscou primeiro. Quer dizer, quando nos voltamos para Deus, simplesmente estamos atendendo ao Seu chamamento.

A vida monástica é a rejeição de tudo aquilo que dificulta a obtenção da luz espiritual. O monge é, assim, aquela pessoa que deixa para trás as ilusões e as artimanhas da espiritualização humana, para se dedicar inteiramente à vontade daquele que o criou, utilizando, para isso, os ensinamentos do mestre Jesus. A fé em Cristo torna-se, com o tempo, a sua principal ferramenta de evolução espiritual. É nela que fundamenta todas as suas ações, mesmo quando a razão humana não a possa compreender.

Há duas espécies de monge: os eremitas e os cenobitas. Os *eremitas* são aqueles que se isolam da sociedade, estabelecendo o seu habitat no deserto e nas montanhas. Os *cenobitas* são aqueles que vivem *na* e *para* a comunidade. Os cenobitas podem até se retirar do mundo, entregar-se inteiramente à oração, à meditação, ao estudo, à penitência, sob o olhar de Deus, mas para ter aplicação prática junto às necessidades dos seus semelhantes.

Para estar livre e unido ao Cristo, o monge deve exercitar o desprendimento. Assim sendo, renuncia à sua própria personalidade, à sua vontade, ao direito à propriedade, ao conforto de um lar, ao direito de fundar uma família, à faculdade de dispor o seu tempo como bem entende etc. Essa postura, levada

a efeito, oferece-lhe os requisitos básicos para a realização de sua missão na sociedade. É como o fermento lançado na farinha do pão: em pouco tempo, tudo fermentou.

O monge, mesmo permanecendo na sua pobreza, na sua solidão, no seu silêncio e no seu retiro, está de posse de uma caridade que atinge dimensões extremamente elevadas, pois consegue captar com mais facilidade as tristezas e as decepções dos outros. Arquitecta, assim, palavras e acções que minimizem os sofrimentos alheios porque, para ele, o homem não é apenas um indivíduo, ele pertence à humanidade. Quando pensa em auxiliar alguém, na verdade, está auxiliando a humanidade como um todo.

Ampliemos dimensão de nossa vida. Há muita gente praticando mais caridade do que nós mesmos. Saibamos respeitar cada qual em sua tarefa, pois nós também fazemos parte dessa Humanidade que precisa de salvação.

Fonte de Consulta

MERTON, Thomas. *A Vida Silenciosa*. Tradução de Religiosas da Companhia da Virgem. Rio de Janeiro: Vozes, 1960.

Novembro/2006

VIVÊNCIA RELIGIOSA*

Vivência religiosa é caracterizada pelo sentimento de dependência do crente em relação ao Ser Supremo. Desde a Antigüidade até os nossos dias, manifesta-se sob vários matizes: ora menos racional, ora mais. Contudo, sempre imerso num mundo sobrenatural, estigmatizado pelo amor e pelo temor.

Os propagadores das religiões primitivas apoiavam-se nas músicas barulhentas, nas danças e nos rituais para inculcar, primeiramente, o **medo** e depois, o **êxtase**, aos assistidos. No Cristianismo, o **temor** é representado pela obediência à Lei de Moisés; o **amor**, pela crença no Evangelho. Essa duplicidade pode ser melhor visualizada pela criação do diabo, contrapondo-se ao Deus de misericórdia e de bondade.

As religiões são instituições que organizam a adoração ao sagrado. Embora de origem divina, a maioria está eivada da influência humana. Por esta razão, o padre Alta afirmou que há enorme distância entre o Cristianismo do Cristo e o Cristianismo dos Vigários. O homem, sendo falível, criou a imagem do céu e do inferno. No primeiro reina a paz e a ociosidade. No segundo, um sofrimento sem fim, ao lado dos tóneis ferventes.

O relacionamento entre o homem e Deus fundamenta a religião. Ter um conceito preciso, livre de interesses e de ambições, auxilia-nos a compreender a realidade religiosa que nos absorve. O termo *religião* vem do latim *religio* que parece derivar de *re + ligare*. Com o prefixo interativo *re* significaria um sentimento de vinculação, de obrigação para com o Ser Supremo. Não deve ser entendido como uma volta a Deus, porque nunca Dele estivemos separados.

A racionalização do sagrado é um imperativo para a nossa existência. Se a idéia de Céu, Inferno e Purgatório já não nos satisfaz, deixemo-la de lado; se temos confiança no *Deus de amor*, por que nos preocuparmos com o *Deus de Temor*? A realização do "eu" espiritual está mais próximo de nós do que imaginamos. Basta não queiramos transferir a responsabilidade para terceiros.

Vivenciemos o sentimento religioso, isento de preconceitos e dos erros dogmáticos, caso queiramos atingir a perfeita libertação de nossa alma.

Fonte de Consulta

Enciclopédia Combi Visual. Barcelona (Espanha), Ediciones Danae, 1974.

Setembro/1996

VOCAÇÃO E VOCAÇÃO RELIGIOSA

Vocação - do lat. *vocatione* significa escolha, chamamento, predestinação. Na Antigüidade, a palavra vocação referia-se à questão estritamente religiosa. Hoje, além da religião, podemos estudá-la no âmbito da psicologia e da filosofia. Nosso propósito é, pois, analisar o termo, enfocando esses vários aspectos.

No **âmbito da psicologia aplicada**, ou seja, da "psicotenia", estudam-se os aspectos científicos da vocação. **Apsicotenia**, através dos testes psicológicos, procura ajustar a aptidão do indivíduo humano à função que ele pode desempenhar na vida. Para tanto, distingue a orientação profissional da seleção profissional. Na **orientação profissional**, parte-se de um indivíduo para buscar uma profissão que lhe convenha; na **seleção profissional**, parte-se de uma dada profissão para buscar o indivíduo que melhor, ou em grau suficiente, possa desempenhá-la.

A **vocação**, ao contrário das profissões, consiste na escuta interior de um apelo que dá sentido e valor à vida inteira. Enquanto as profissões costumam se motivadas por razões utilitárias e práticas, a vocação representa o encontro do homem com o seu autêntico caminho, fazendo-o centrar-se e realizar-se na dimensão mais profunda de sua existência. A vocação relaciona-se, assim,

com as "missões": ser homem ou mulher, constituir ou não uma família, desempenhar este ou aquele papel etc.

A expressão "vocação", no contexto da religião, tem sido utilizada exclusivamente para representar os que se dedicam à tarefa sacerdotal ou à vida religiosa em comunidade e renúncia. Hoje, observa-se que é uma limitação abusiva, visto cada ser humano ter a sua própria dimensão religiosa, sem contudo pertencer a uma igreja ou convento. Independentemente de se pertencer ou não à classe sacerdotal, a verdadeira vocação religiosa pressupõe uma "entrega" aos outros, renunciando a si mesmo, inclusive à própria personalidade, se as circunstâncias assim o exigirem.

A **vocação** deve sempre se referir ao **ser global**. Quando estamos no exercício pleno e autêntico da nossa vocação, todo o nosso ser se modifica. Começamos a compreender melhor o nosso próximo, respeitando-o nos diversos matizes de suas dificuldades. Indelévelmente vamos alterando o nosso eixo de desejos, diminuindo os estritamente materiais e enfatizando os espirituais. Em fim, a aplicação correta da nossa vocação produz os frutos sazonados. Naqueles seres em que ela se faz sentir integralmente, há uma mudança tão radical, que começam a colocar cada ato dentro do conjunto da vida, por mais simples que estes possam parecer.

Perscrutemos o nosso eu interior. Não nos deixemos enganar pelo comodismo e consumismo da sociedade moderna. A perseverança nos deveres fáceis e enfadonhos é um capital que gera dividendos pelo resto de nossa vida.

Novembro/1996